

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE GOIÁS
CÂMPUS CORA CORALINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

CRISTIANE RIBEIRO MAGALHÃES

MULTILETRAMENTOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS(ES) DE LÍNGUAS:
caminhos para a educação linguística crítica

CIDADE DE GOIÁS

2020

CRISTIANE RIBEIRO MAGALHÃES

MULTILETRAMENTOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORAS(ES) DE LÍNGUAS:
caminhos para a educação linguística crítica

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação
Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade
como requisito para conclusão do curso e obtenção do
título de Mestre em Língua, Literatura e Interculturalidade.
Linha de Pesquisa: Estudos de Língua e Interculturalidade
Orientadora: Profa. Dra. Carla Conti de Freitas

CIDADE DE GOIÁS

2020

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA FONTE

Biblioteca Frei Simão Dorvi – UEG Câmpus Cora Coralina
Bibliotecária responsável: Marília Linhares Dias – CRB 1/2971

M188m Magalhães, Cristiane Ribeiro.
Multiletramentos na formação de professoras(es) de línguas : caminhos para a educação linguística crítica [manuscrito] / Cristiane Ribeiro Magalhães. – Goiás, GO, 2020.
96f. il.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Conti de Freitas.
Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Câmpus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, 2020.

1. Linguística. 1.1. Ensino de línguas.
2. Educação . 2.1. Formação de professores de línguas. I. Título. II. Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Cora Coralina.

CDU: 81'33:37(817.3)

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM LÍNGUA, LITERATURA E
INTERCULTURALIDADE

DEFESA 16 DE DEZEMBRO DE 2020.

BANCA EXAMINADORA

Dra. Carla Conti de Freitas - UEG

(Presidente)

Dra. Maria Eugênia Sebba F. de Andrade - IFG

(Membro)

Dra. Cristiane Rosa Lopes - UEG

(Membro)

A Deus, meu escudo e fortaleza.
À minha Mãe, meu exemplo e inspiração.
Ao meu Pai, em memória.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente eu agradeço a DEUS pelo dom da vida e por sempre me conduzir pelos melhores caminhos.

À minha MÃE, sem o seu grande amor eu não teria me tornado quem EU SOU hoje. Ela sempre está ao meu lado, nas horas felizes e também nas horas difíceis. Ensinou-me valores, princípios éticos e morais e, acima de tudo, me fez ver que na vida nada se conquista sem esforço.

Ao meu esposo, por me incentivar a sempre crescer e buscar o melhor em minha profissão, tanto de professora como de pesquisadora. Agradeço pela paciência nos momentos em que eu fiquei sem ela, devido aos prazos de entrega das obrigações no mestrado.

À minha querida orientadora Carla Conti, professora e amiga, por toda paciência, dedicação, compreensão e amizade. Cada momento de aprendizado que me foi proporcionado, eu agradeço de coração. Ela é o exemplo de profissional que eu quero seguir.

À minha família e amigos pelos incentivos e por sempre torcerem por mim e celebrarem com alegria cada conquista minha.

Às professoras Cristiane Rosa e Maria Eugênia Sebba, por aceitarem estar na minha banca, e por me permitirem aprender tanto com elas.

Aos professores e professoras da graduação, da especialização e do mestrado, por todo conhecimento compartilhado.



*Das Pedras
(Cora Coralina)*

*Ajuntei todas as pedras
que vieram sobre mim.
Levantei uma escada muito alta
e no alto subi.
Teci um tapete floreado
e no sonho me perdi.*

*Uma estrada,
um leito,
uma casa,
um companheiro.
Tudo de pedra.*

*Entre pedras
cresceu a minha poesia.
Minha vida...
Quebrando pedras
e plantando flores.*

*Entre pedras que me esmagavam
levantei a pedra rude
dos meus versos.*

MAGALHÃES, Cristiane Ribeiro. **MULTILETRAMENTOS NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE LÍNGUAS**: caminhos para a educação linguística crítica. 2020. Dissertação (Mestrado em Língua, Literatura e Interculturalidade) – Campus Cora Coralina, Universidade Estadual de Goiás, Goiás, 2020.

RESUMO: Esta pesquisa contempla questões relevantes que permeiam o universo da formação de professores de línguas, sob o viés dos multiletramentos. Teorias que contemplam o universo social referenciado nas várias práticas sociais linguísticas dialogam com a relação entre tecnologia e formação docente na graduação, em especial o de curso de Letras, refletindo a necessidade de ressignificação das práticas de linguagem na formação docente, em meio aos processos de pós-modernidade e ao avanço tecnológico. Entendendo que a contemporaneidade engloba aspectos importantes relacionados às experiências de vida dos sujeitos em sociedade, considero as tecnologias digitais como algo presente no modo de vida das pessoas e, por isso, se fazem importantes no cenário da formação de professores de línguas. Deste cenário, emergem novas formas de linguagem, novas formas de leitura e escrita, novos ângulos para se enxergar o/no mundo. Assim, esta pesquisa tem como tema os multiletramentos na formação de professores de línguas, posto que uma das minhas inquietações tem sido pensar em como formar os professores de línguas para o contexto atual no qual se expande a linguagem em ambientes virtuais, considerando os elementos interculturais que nos constituem (CANCLINI, 2013) e vislumbrando uma educação linguística (MATTOS, 2018; DUBOC, 2018). Partindo deste problema, meu objetivo com esta pesquisa é investigar e analisar as percepções dos professores de línguas em formação sobre as práticas de multiletramentos a partir das experiências oportunizadas durante o curso de Letras. Essa discussão foi embasada por estudos de Rojo (2012), Jordão (2007), Monte Mór (2010; 2019), Street (2012; 2014), Barton e Lee (2015), Freitas (2019), Menezes de Souza (2011), entre outros. Para isso, desenvolvi uma pesquisa de abordagem qualitativa interpretativista, com as(os) alunas(os) do curso de Letras de uma universidade pública do interior de Goiás. Ao final da pesquisa, apresento o meu olhar sobre a percepção das(os) professoras(es) em formação acerca das tecnologias como novas formas de linguagem, emergentes dos vários grupos em que compartilhamos nossos saberes, como forma de motivar e embasar novos estudos, novas práticas e novas políticas para educação linguística nestes tempos.

PALAVRAS-CHAVE: Multiletramentos. Formação de Professoras(es) de línguas. Plataformas digitais. Experiência. Percepção.

MAGALHÃES, Cristiane Ribeiro. **MULTILITERACIES IN THE TRAINING OF LANGUAGE TEACHERS**: paths to critical linguistic education. 2020. Dissertation (Master in Language, Literature and Interculturality) - Campus Cora Coralina, University Goiás' State, Goiás, 2020.

ABSTRACT: This research contemplates relevant approaches that permeate the universe of teacher training for language teachers under the bias of multiliteracies and the perspective of linguistic education, theories that contemplate the social universe referenced in the various linguistic social practices, dialogues with the relationship between technology and training teacher in the graduation of a language course reflecting the need for modernization and reframing to improve the linguistic process amid the processes of modernity and technological advancement. Understanding that contemporaneity encompasses important aspects related to the subjects' life experiences in society, I consider digital technologies as something present in people's way of life and, therefore, it is important in the scenario of teacher education. From this scenario, new forms of language emerge, new forms of reading and writing, new angles to see / in the world. Thus, this research, from the perspective of language education (MATTOS, 2018; DUBOC, 2018), has as its theme the multiliteracies in teacher training, since one of my concerns has been thinking about how to train language teachers for the context current in which the language expands in virtual environments, considering mainly the intercultural elements that constitute us (CANCLINI, 2013). Based on this problem, the objective of the research is to investigate and analyze the perceptions of language teachers about the practices of multiliteracies during the initial training. This discussion was based on studies by Rojo (2012), Jordão (2007), Monte Mór (2007; 2010; 2019), Street (2012; 2014), Barton and Lee (2015), Freitas (2019), Menezes de Souza (2011), among others. For this, I developed a research with a qualitative interpretative approach, with the students of the UEG course of Letters, in Inhumas, Goiás. At the end of the research, I present my view on the perception of teachers in formation about the technologies as new forms of language, emerging from the various groups that share our knowledge, as a way to motivate and support new studies, practices and policies for language education in these times.

KEYWORDS: Multiliteracies. Teacher training. Digital platforms. Experience. Perception.

SUMÁRIO

A TRAJETÓRIA DE UMA FORMAÇÃO DOCENTE RESSIGNIFICADA	10
1. AO LONGO DO CAMINHO: várias vozes	20
1.1 Língua e interculturalidade: a linguagem em meios digitais	21
1.2 Formação de Professoras(es) de línguas e as plataformas digitais	34
2. POR ONDE PASSEI: a estrada da contemporaneidade	45
2.1 A pesquisa qualitativa e a interpretação	47
2.2 Conhecendo o cenário	49
2.3 As(os) participantes da pesquisa	50
2.4 Os Instrumentos de pesquisa	50
2.5 A análise de conteúdo	52
2.6 Descrição das Atividades	54
3. PROBLEMATIZAÇÃO: “quebrando pedras e plantando flores”	71
3.1. Percepção sobre práticas de multiletramentos na formação inicial de professoras(es)	73
3.2. Experiências com a linguagem nos meios digitais como elementos interculturais	77
“AJUNTEI TODAS AS PEDRAS”, MAS MEU CAMINHO NÃO TERMINA AQUI	83
REFERÊNCIAS	93

A TRAJETÓRIA DE UMA FORMAÇÃO DOCENTE RESSIGNIFICADA

*“Numa ânsia de vida eu abria o vôo nas asas impossíveis do sonho.”
(Cora Coralina)*



Ao compartilhar algumas vivências, posso mapear melhor a razão da minha escolha e da minha preocupação com uma formação docente significativa, não somente a formação inicial, mas também a formação que se dá ao longo da vida e da carreira de professor. Ao fazê-la, lembrei-me da minha escola, do meu processo escolar, que me proporcionou viajar e traçar o meu próprio caminho.

Ao lembrar minha trajetória escolar, toda realizada no ensino público, me preocupo nos dias de hoje, com as formas de ensino, pois mesmo sendo pouco valorizada, é a única oportunidade para muitas pessoas. A desigualdade latente e eminente não deveria ser obstáculo para o sucesso e sim a força para lutar e conseguir o objetivo maior, pois um povo educado, conhecedor dos seus direitos e deveres é capaz de maiores conquistas, no exercício da cidadania. Relacionando as lembranças desse tempo, compreendo como o ensino de qualidade tem papel relevante desde o início da vida de um estudante que chega à escola trazendo sua

cultura, sua linguagem, sua história e tem a perspectiva de conhecer uma nova realidade, se integrar à sociedade e se desenvolver culturalmente.

Eu me recordo de uma criança inquieta, como sempre fui, que, durante a alfabetização cria seu próprio (primeiro) livro. Nele, conta que as formigas vão de pedra em pedra até chegar ao formigueiro, para levar comida às formiguinhas filhotes, embaixo de um sol brilhante, passando por baixo de lindos pés de rosas amarelas. No entanto, “se a alfabetização, [...] fosse, por si mesma, “um fator propulsor do exercício consciente da cidadania e do desenvolvimento da sociedade como um todo”, estaríamos “bem na fita”. ” (ROJO, 2019. p. 13)

Lembro também de que, quando criança, eu não me satisfazia com jogos de videogames já prontos e definidos, mas sempre estive empenhada em ultrapassar os obstáculos e ver o que viria depois. Por isso, acredito que minha pesquisa reflete a necessidade de reconhecer que o aluno traz consigo um conhecimento e que professora(o) precisa ter a sensibilidade para saber lidar e promover uma educação crítica e relevante no ambiente escolar, entendendo como educação crítica, o fato de que é preciso conhecer e compreender a realidade da comunidade em que a(o) professora(o) está inserido, para que assim, ela(ele) seja capaz de promover reflexões e problematizações acerca dos temas sociais pertinentes àquele local.

Durante a noite, essa criança, olhando para a janela de seu quarto, via o reluzir dos gelos cósmicos brilhantes e escrevia em sua memória: sou um peixe, imã de geladeira, mas moro numa janela, sem poder navegar os rios, mares, oceanos ou mesmo um aquário refrescante. Esta lembrança da viagem de luzes e raios me remete a Rojo (2012) e Barton e Lee (2015) quando dizem que os letramentos, as mídias e as linguagens, em textos e práticas digitais, nos levam a um comprometimento com uma formação inovadora e especialista.

Na ânsia do peixe pela água, remeto-me aos alunos que desejam um ensino prazeroso, eficiente, transformador e digno de ser enaltecido e é assim que me recordo do meu tempo na escola. Por algum tempo, durante minha infância, minha mãe trabalhou em uma lanchonete, em frente ao prédio da Universidade onde fiz minha primeira graduação. Eu sempre estava por lá, olhava para aquelas pessoas que por lá passavam e ficava pensando: “um dia vou estudar aqui e depois voltarei para trabalhar”. Eu sempre gostei muito daquele lugar e, de fato, foi o que aconteceu.

Lembro-me da jovem adolescente, no Ensino Médio, em meio a festas, passeios, livros, escolhas, amigos e escola, que chegou a uma sala de segunda fase

do vestibular de Odontologia na UFG, mas que, por um pequeno deslize e poucos décimos (ou força do destino, eu prefiro dizer assim), não foi classificada.

No início, o “erro” da tal prova pareceu hilário; depois, a “não aprovação” pareceu-me frustrante, mas não. Hoje, chamo isso de “momento da escolha”, quando se vê, então, que não é da ciência biológica, mas da ciência da língua, pois neste mesmo ano prestei o vestibular para Letras na UEG, me classificando em 1º lugar pelo SAS e em 4º Lugar, no sistema universal.

O fato de não ter conseguido entrar para um curso da área de ciências biológicas, por um “erro” tão simples em uma única questão, me fez perceber o quanto fui bem com as questões de linguagens. Sempre fui uma excelente aluna em Língua Portuguesa e Língua Inglesa, gostava de leitura e me encantava com os momentos em que me permitiam a liberdade de expressão.

Ainda me lembrei de que, desde muito pequena, eu brincava de “ser professora” com as minhas bonecas. Este foi o meu “momento da escolha”, percebi que eu gostava mesmo era da área das linguagens e que eu seria, de fato, uma professora. Então, foi nesta oportunidade de escolha, que veio a força para desejar e querer uma formação que fosse capaz de transformar professores, alunos, escolas e sociedade.

Isso aconteceu há nove anos, quando eu decidi que me tornaria uma professora. Desde então, sempre fui uma aluna cheia de inquietações em relação ao que eu estava aprendendo. No segundo período de minha graduação em Letras, eu tive uma disciplina chamada “Novas tecnologias na educação”. Neste momento, eu pensei: *“Uau! Essa disciplina, com certeza deve ser muito legal”*. Sempre fui uma jovem “antenada” com as questões tecnológicas, estava sempre conectada à *internet* e às redes sociais; gosto de jogos, tanto no *videogame* quanto nos computadores e de tudo aquilo que pode trazer praticidade para a vida. Mas, a história com a disciplina não foi bem como eu esperava.

Quando vi o nome da disciplina, a expressão “novas tecnologias” me fez pensar que, naquele momento, passaríamos a considerar, especialmente, as novidades que a tecnologia proporcionava – o uso de jogos, os vídeos, as redes sociais, as plataformas digitais – dentre tantas outras. Os dias passavam e a professora sempre levava um texto para a copiadora, do qual tínhamos que fazer a cópia e ler até o dia da aula. Em sala, era feita a leitura novamente, seguida da explicação da professora e de comentários de alguns colegas. Os textos eram interessantes, falavam sobre a

forte presença das tecnologias na vida das pessoas e o quanto elas podem ser eficazes no processo de ensino e aprendizagem.

Eu, sempre inquieta, pensava que aqueles textos traziam inúmeras possibilidades de práticas com recursos tecnológicos que aproximariam mais a nossa realidade. Se tivéssemos as experiências com tecnologia, provavelmente tudo que estava escrito nos textos faria mais sentido, pois acredito que o que vivemos nos cursos de formação de professoras(es) tendem a ser reproduzidas quando nos colocamos à frente de uma sala de aula. Assim, como as tecnologias estão presentes nas escolas e os alunos estão cada vez mais conectados, é preciso considerar essa realidade nos cursos de formação de professores.

A partir do momento em que um futuro professor vivencia experiências com ferramentas digitais, por exemplo, durante seu processo de formação, ele poderá entender e compreender melhor o seu aluno que está na escola com o celular na mão e, assim, perceber que tal dispositivo pode ser útil para sua prática e proporcionar diferentes formas de linguagem.

Terminando a graduação em Letras e um curso avançado de língua inglesa, veio o encontro com a tecnologia em uma especialização em Novas Tecnologias na Educação. O estudo à distância, as videoaulas, as pesquisas, os ensaios e, ao final, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso por meio de uma videoconferência. Isso me abriu muitos horizontes e hoje contemplo uma formação, no meu modo de ver, diferente.

Portanto, vejo a necessidade de mudar ou, ao menos, inspirar com esta pesquisa, outros professores, gestores e pesquisadores, especialmente, os de estudos linguísticos, a promoverem uma formação ressignificada, de maior relevância, no que é proposto e esperado em cada curso. Diante das expectativas para uma graduação, vem o anseio pela competência tecnológica, exigida pelo mundo globalizado, cada vez mais tecnológico e a necessidade de novos meios para articular a linguagem.

Nessa pesquisa, recorro a minha maior perspectiva, que é a de ser uma profissional educadora e de fazer a diferença com a minha formação. Esta preocupação esteve comigo desde o meu primeiro Trabalho de Conclusão de Curso, no do curso de Letras. Nele, eu analisei o ensino de leitura proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCNs) e nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio, buscando compreender a importância da leitura para a formação

do cidadão, não como uma receita, mas como um caminho teórico e metodológico para o desenvolvimento de um processo pedagógico eficiente¹.

Então, foi com a necessidade de mais conhecimento que me dediquei à especialização em Novas Tecnologias da Educação. Nela, vivenciei práticas diferentes e adquiri a competência tecnológica nos trabalhos com as tecnologias da informação e da comunicação – doravante TICs. Depois disso, eu quis conhecer melhor a área de educação, oportunizada pelo curso de Pedagogia, refletindo sobre métodos, teorias, posturas e metodologias na vida de um professor. Também, mais adiante, fiz uma especialização em Docência Universitária para conhecer melhor o trabalho com uma instituição de ensino superior.

Ao ingressar no Mestrado, tive a oportunidade de desenvolver projetos e pesquisas sobre a ressignificação da formação e da educação tecnológica. Neste momento, me remeto à Cora Coralina, na epígrafe desta dissertação, falando do caminho das pedras que durante as aulas do mestrado na Cidade de Goiás, eu tive a honra de percorrer, tendo, cada dia mais “fome do saber” e comprometimento com uma formação docente consciente e ressignificada.

Como aluna especial do Programa de Pós-Graduação em Língua, Literatura e Interculturalidade em 2018, atuei em uma pesquisa sobre multiletramentos na formação de professoras(es)² na qual pude desenvolver atividades no curso de Letras. Estas atividades me motivaram à realização desta pesquisa depois de aprovada no processo seletivo em 2019. Portanto, esta dissertação sintetiza parte da minha formação como professora e minha relação com as plataformas digitais, no âmbito da educação linguística nos dias de hoje, mas não a conclui, pois, este processo é bem mais amplo e complexo do que se imagina.

Entendo que o processo de formação de professoras(es) é uma questão de escolha, pois cada atitude causa um impacto em nossa vida, seja ele positivo ou não. Nossas ações ou atitudes são capazes de mudar nosso destino, de modificar nossa perspectiva diante de diversos fatos e, até mesmo, de modificar a perspectiva dos outros sobre nós. Falo de escolhas, de ações ou de atitudes capazes de alterar perspectivas na educação. Por isso, proponho reflexões sobre os cursos de formação

¹ O ensino de leitura proposto nos Parâmetros Curriculares Nacionais e nas Orientações Curriculares Nacionais para o Ensino Médio. UEG, 2012.

² Projeto: Multiletramentos na formação de professores: questões emergentes da contemporaneidade. UEG, 2017-2019.

de professoras(es) de línguas, à luz dos multiletramentos, que possibilitem ações e transformações dos modos de ressignificar os quatro pilares³ da educação – aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver com os outros e aprender a ser – e que ressaltem as tecnologias digitais e a exigência de novas tecnologias para a contemporaneidade.

Sendo assim, para realização desta pesquisa, considere como tema os multiletramentos na formação inicial de professoras(es) de línguas, ressaltando as tecnologias digitais e a exigência de novas habilidades linguísticas para a contemporaneidade, as quais fazem parte do modo de vida de um grande número de pessoas e são constituintes de suas culturas. Abordo dois aspectos deste tema: um relacionado à linguagem, destacando as tecnologias digitais e que delas emergem novas formas de linguagem; o outro, relacionado à cultura, pois, ao considerar as práticas linguísticas e sociais, estamos acreditando que os modos de vida e as experiências dos sujeitos influenciam de forma direta a sua formação.

Nesse sentido e com base na perspectiva dos multiletramentos, considero que as(os) alunas(os) do curso de Letras tiverem práticas linguísticas sob o viés dos multiletramentos durante o curso e, independente da ferramenta, elas(es) vão se habituando, mudando a cultura, criando outra cultura (CANCLINI, 2013) de incorporar e de incluir tais práticas na vida delas(es) e em suas salas de aula.

Com isso, parto do pressuposto de que estamos vivenciando transformações no âmbito acadêmico, em especial, as relacionadas à era digital e que os cursos de formação de professoras(es) ainda não estão acompanhando as transformações como deveriam. Concordo que a questão não deve ser criar uma disciplina própria de multiletramentos (FREITAS, 2019). O importante é oferecer caminhos para que o professor tenha consciência em relação ao cenário atual e, assim, promover vivências e/ou experiências (CANCLINI, 2013; LARROSA, 2019) que possibilitem reflexões e ações sobre os novos modos de comunicar, de ensinar e aprender, de ler e entender o mundo como discute Freitas (2019).

Então, se as tecnologias digitais estão presentes na vida das pessoas, mas têm sido pouco consideradas nos cursos de formação de professoras(es)a, questiono

³ Os quatro pilares da Educação são conceitos de fundamento da educação baseados no Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, coordenada por Jacques Delors. Disponível em <<https://www.iped.com.br/materias/educacao-e-pedagogia/pilares-educacao.html>>

como deve ser a formação das(os) professoras(es) de línguas para o contexto atual no qual se expande a linguagem em ambientes virtuais.

Vale ressaltar aqui o cenário atual em que estamos vivendo. O momento de pandemia⁴ exigiu de todos nós mudanças e adaptações na forma de lidar com as várias situações no dia a dia. Um exemplo disso são as atividades remotas. As aulas passaram a ser ministradas a partir das tecnologias digitais existentes, inicialmente por meio de gravações de vídeos e áudios, que foram transmitidos via *Whatsapp*. Em seguida, as empresas e instituições buscaram por melhorias e passaram a considerar algumas plataformas digitais que permitem ministrar as aulas de maneira síncrona e assíncrona.

Isso exigiu das(os) professoras(es) uma formação que eles não tiveram, muitos encararam tal questão como uma barreira, outros como desafio e superação. Muitos perceberam que a tecnologia, por ser algo que está presente a todo o momento de suas vidas, pode ser boa aliada em suas práticas de ensino, já para outros, essas questões não foram vistas de maneira tão positiva.

Neste sentido, defini como objetivo principal desta pesquisa: investigar e analisar as percepções das(os) professoras(es) de línguas em formação sobre as práticas de multiletramentos a partir das experiências oportunizadas durante o curso de Letras. Para isso, considere como objetivos específicos: (i) descrever e analisar as plataformas digitais, consideradas na pesquisa; (ii) propor uma reflexão acerca das experiências com as plataformas digitais no curso de formação inicial de professoras(es); e, ainda, (iii) analisar a releitura das plataformas digitais pelas(os) professoras(es) participantes.

Para isso, me propus a realizar uma pesquisa qualitativa interpretativista, considerando as atividades realizadas com alunos do curso de Letras em 2019 e 2020, nas quais pude vivenciar um conjunto de experiências de linguagem e de cultura por meio das plataformas escolhidas.

⁴ Recentemente, em dezembro de 2019, houve a transmissão de um novo coronavírus (SARS-CoV-2), o qual foi identificado em Wuhan na China e causou a COVID-19, sendo em seguida disseminada e transmitida pessoa a pessoa. A COVID-19 é uma doença causada pelo coronavírus, denominado SARS-CoV-2, que apresenta um espectro clínico variando de infecções assintomáticas a quadros graves.

Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>>

Dessa forma, na condição de pesquisadora acredito que a minha pesquisa tenha sido como uma “ponte no meio do caminho” pois, a partir dela, foram proporcionadas reflexões essenciais para a formação de professoras(es) no contexto emergente⁵ e foi ressaltada a necessidade de relacionar o processo formativo de professoras(es) de línguas com a realidade das(os) alunas(os) no que diz respeito à comunicação e à linguagem em ambientes virtuais, como aspectos da cultura inerentes ao processo de formação.

Considero que toda experiência seja válida, pois vivemos em constante processo de (trans)formação; exemplo disso é a nossa situação atual: reinventamos e ressignificamos para conseguir lidar com o novo formato de aulas, estudos, de trabalho, enfim, de vida. Ao final desta pesquisa, exponho o meu olhar sobre a percepção das(os) participantes, professoras(es) em formação, relacionada às tecnologias como novas formas de linguagem. Faço também ponderações sobre as novas formas de pensar uma educação linguística⁶ (esse termo será melhor discutido mais adiante), resultantes da interação nos grupos em que compartilhamos nossos saberes, como forma de encorajar e de fundamentar novos estudos, práticas e políticas para educação linguística.

Esta dissertação está organizada em três capítulos, além da introdução e das considerações finais. No primeiro capítulo, intitulado “Ao longo do caminho: várias vozes”, discuto a fundamentação teórica da pesquisa em duas sessões. Na primeira, “Língua e interculturalidade: a linguagem por meios digitais” ancorei-me nas reflexões de Everett (2019), Canclini (2013), Barton e Lee (2015), Parra (2014), Kleiman (2016), Jordão (2007), Larrosa (2019). Na segunda, intitulada “Formação de professoras(es) de línguas e as plataformas digitais”, recorro às reflexões de Lopes e Borges (2015),

⁵ Ressalto que “emergente” se contrapõe ao sentido de “moderno”. Neste caso significa resultante, procedente, no sentido de algo que está em desenvolvimento, em progresso e/ou em evolução. (MORAES, 1998)

⁶ Entendo por educação linguística crítica o fato da(o) professora(o) não pensar teoria e prática como duas questões distintas e independentes, dessa forma fiz a escolha de usar o termo “educação linguística” ao longo do meu texto, pois entendo que esse termo evolui toda minha compreensão acerca do processo de ensinar e aprender línguas e novas linguagens, considerando teoria e prática como exercício concomitante. E assim, a percepção da educação linguística está ancorada na educação linguística crítica (Mattos (2018); Duboc (2018), Ferreira (2018)), que será discutida mais à frente.

Andreotti (2017), Tavares e Freitas (2018), Freitas (2019), Freire (2009), Menezes de Souza (2011), Rojo (2012;2019), Monte Mór (2007;2010;2019), dentre outros.

No segundo capítulo, intitulado “Por onde passei: a estrada da contemporaneidade”, apresento os aspectos metodológicos da pesquisa. Para tanto, a fim de compreender os caminhos da pesquisa, pauto-me, inicialmente, nas reflexões de Minayo (2014), que nos faz entender que a pesquisa é um processo constante de construção e de reconstrução de caminhos. Concomitantemente, apresento os aspectos inerentes a uma pesquisa qualitativa e interpretativista, fundamentada sob as perspectivas de Ludke e Andre (2014), Denzin (2018), Franco (2003) e, para as análises, considere os pressupostos da análise de conteúdo.

No terceiro capítulo, intitulado “Problematização: “quebrando pedras e plantando flores”, apresento a análise do material empírico discutido a partir da minha compreensão e da experiência acerca das teorias já mencionadas, tendo como foco as experiências com plataformas digitais na formação de professoras(es) de línguas. Assim, discuto tal material a partir de dois eixos temáticos i) percepção sobre as práticas de multiletramentos na formação inicial de professoras(es) rumo à educação linguística, ii) Experiências com a linguagem nos meios digitais como elementos interculturais.

Por fim, em “Ajuntei todas as pedras”, mas meu caminho não termina aqui”, retomo os objetivos iniciais da pesquisa e os pontos principais encontrados na análise e apresento também as limitações encontradas ao longo do caminho e uma possível proposta de trabalho futuro.

Trago a seguir, no Quadro 1, uma síntese de como está organizada esta dissertação e como eu irei abordar as questões dos multiletramentos na formação de professoras(es).

QUADRO 1 - Síntese da organização textual da dissertação

INTRODUÇÃO	A trajetória de uma formação docente ressignificada					
CAPÍTULO I	Ao longo do caminho: várias vozes					
	Língua e interculturalidade: a linguagem por meios digitais			Formação de professoras(es) de línguas e as plataformas digitais		
CAPÍTULO II	Por onde passei: a estrada da contemporaneidade					
	A pesquisa qualitativa e a interpretação	Conhecendo o cenário	Os/as participantes da pesquisa	Os instrumentos de pesquisa	A análise de conteúdo	Descrição das atividades
CAPÍTULO III	Problematização: “quebrando pedras e plantando flores”					
	Percepção sobre práticas de multiletramentos na formação inicial de professoras(es)			Experiências com a linguagem nos meios digitais como cultura		
CONSIDERAÇÕES	“Ajuntei todas as pedras”, mas meu caminho não termina aqui					

Fonte: a pesquisadora.

CAPÍTULO I

AO LONGO DO CAMINHO: várias vozes

A menos que modifiquemos a nossa maneira de pensar, não seremos capazes de resolver os problemas causados pela forma como nos acostumamos a ver o mundo. (Albert Einstein)

A epígrafe faz todo sentido para iniciarmos as discussões a respeito da pesquisa em pauta, pois ela se relaciona diretamente com a mudança de paradigma necessária para a compreensão das tecnologias e as várias formas de linguagens que delas emergem. A forma como eu vejo o mundo diz muito sobre mim. Como diz Albert Einstein, se eu não mudo nunca o meu pensamento a respeito das coisas no mundo, não conseguirei sanar todos os meus problemas, pois tudo diz respeito às várias formas de ver e enxergar o mundo.

É o que acontece com muitos de nós, professoras(es) pesquisadoras(es), quando focamos nossos estudos em uma única teoria, sem saber que podemos conversar com várias teorias, para uma melhor compreensão do nosso objeto. Muitas vezes, ter uma perspectiva situada nos impede de observar ao redor e enxergar as várias possibilidades, que até mesmo um problema pode te dar, como nos sugere Moraes (1998) com a discussão sobre paradigma emergente e Monte Mór (2007) com a discussão sobre expansão interpretativa.

Posso relacionar essa assertiva com o pensamento de Moraes (1998), quando ela diz que por muito tempo as propostas de ensino se apoiavam numa visão tradicionalista, pautada na separatividade entre sujeito e objeto do conhecimento e, conseqüentemente, na fragmentação das práticas pedagógicas, ou seja, eram práticas com perspectivas situadas. Os problemas atuais são de natureza complexa, mas infelizmente ainda são tratados, por muitos, por essa ciência tradicional, vinculada às questões deterministas e de causalidade, sem preocupações com o global junto ao local, e, principalmente, sem considerar os contextos, como sugere o paradigma emergente, ou ainda, com a expansão interpretativa discutida por Monte Mór (2007, p. 43) ao sugerir que,

[...] devido às influências tecnológicas na sociedade atual, devem ser desenvolvidas novas construções interpretativas para a linguagem, na qual a imagem ganha destaque na comunicação, que as interações da mente em rede devem ser promovidas pela educação escolar e universitária, contribuindo para a epistemologia de performance esperada dos participantes de uma sociedade em rede, constatação que , então, conduz à revisão e mudanças na educação no que concerne aos letramentos. Os estudos epistemológicos ensinam que os modelos convencionais de construção de conhecimento – baseados na divisão do todo em quantas partes necessárias sejam para o estudo e compreensão de um conteúdo ou tema e na organização do raciocínio em graus crescentes de complexidade (do mais fácil para o mais difícil) – podem ser insuficientes para as lógicas da sociedade atual.

Assim, a autora sugere que o processo de comunicação, por meio da tecnologia, se deve também pela capacidade de articulação e de combinação de linguagens. As aulas convencionais estão ultrapassadas e não se encaixam no contexto atual da interconectividade, ensinar e aprender exigem mais flexibilidade e respeito ao ritmo das informações, das relações de espaço-tempo e técnicas de busca de informação, sendo necessário que a(o) professora(o) saiba orientar sobre a variedade de fontes e manter o equilíbrio em um ambiente de maior inovação, intercâmbio e comunicação.

Então, neste capítulo, apresento a base teórica que escolhi para desenvolver esta dissertação, abordando os multiletramentos e destacando a relação entre língua e interculturalidade, pois, ao tratarmos de um objeto de estudo linguístico, é importante compreender as questões linguísticas que o envolvem, uma vez que a língua é o principal elemento cultural. Em seguida, apresento uma discussão a respeito da formação de professoras(es) de línguas e as plataformas digitais, consideradas como formas de novas linguagens e a culminância de novas habilidades de leitura e escrita, levando em consideração a perspectiva dos multiletramentos, em consonância com a educação linguística.

1.1 Língua e interculturalidade: a linguagem em meios digitais

A língua pode ser considerada o principal elemento pertencente ao universo da cultura, pois a língua é o principal instrumento de interação humana (CANCLINI, 2013), fator essencial para a cultura que, por sua vez, é de natureza mutante. Assim, é considerada mutável, pois as interações humanas estão em constantes mudanças.

Ela é considerada o código de linguagem usado para expressar, representar e explicar as propostas e ideias das várias formas de interação existentes. A relevância da pesquisa e do trabalho com plataformas digitais se afirma nessa característica crucial dos aspectos linguísticos, pois a língua, como um instrumento de comunicação e meio de interação social, prioriza falar teoricamente sobre a ação e, ao mesmo tempo, sanar dúvidas e relacionar com as(os) participantes e as atividades.

Quando a língua é tratada como parte social da linguagem, após o estruturalismo, desenvolve-se uma vertente dos estudos linguísticos que tomava como foco de análise não mais uma hipótese abstrata da língua, mas a língua em uso, como instrumento de comunicação entre as pessoas. Desta forma, quando pensamos em língua como um código utilizado para estabelecer a comunicação, fazendo a parte social da linguagem, entende-se que a linguagem é o meio pelo qual se passa a mensagem, podendo ser usada como dominação cultural, controle social, instrumento de sociabilidade e transformação social.

Então, ao falar da língua como código, me refiro às primeiras considerações aprendidas sobre tal, quando ela ainda era, ou é por muitas áreas, estudada de maneira mais “restrita”, considerada apenas uma convenção entre os seus falantes. Ao mencionar esse código, já como um instrumento de comunicação, atribuo à língua questões funcionais, não mais considero-a somente língua pela língua, mas sim como algo que possui funções, capacidade de expressão e define seus falantes.

Com isso, a língua é o mais importante instrumento usado para expressar suas impressões, representar coisas, seres, ideias; sendo um sistema constituído por palavras e regras que combinam em unidades portadoras de sentido, comum a todos, em sociedade, adquirido natural ou gradativamente.

No conjunto da linguagem, ou seja, nas representações comunicativas das experiências, a parte física da língua reproduz os circuitos de fala, envolvendo, no mínimo dois indivíduos (ou mesmo um monólogo), ou a reprodução de sons ao mesmo tempo em que essa representação comunicativa situa-se no cérebro, associa as representações dos signos linguísticos ou imagens às representações acústicas e visuais para exprimir sua significação, desempenhando o papel de organização da língua enquanto sistema.

Desse modo, a língua vai se adaptando de acordo com as mudanças da cultura, acompanhando todos os processos de mutações possíveis de cada tempo. E essas mudanças culturais que vão acontecendo na sociedade vão influenciando a língua

enquanto sistema. A língua pode sofrer mudanças em diferentes elementos: aspectos fonológicos, aspectos semânticos, aspectos sintáticos. (BRAULIO, 2006)

Mas, em outra perspectiva, “[...] a língua passou a ser entendida como espaço de construção de sentidos – e, como tal, merecedora de atenções especiais, não restritas ao universo da linguística” (JORDÃO, 2007, p. 19). Isso quer dizer que a concepção de língua vem como discursos, levando em consideração os impactos da globalização. Não se pode pensar a língua apenas como um conjunto de regras e códigos, pois acoplada às regras está a motivação, os conhecimentos de mundo e todas as questões sociais e culturais que a determinam.

Essa é a teoria de língua que eu considero pertinente, não só para essa pesquisa, mas para todo meu entendimento e pensamento enquanto professora pesquisadora, na área da Linguística Aplicada Crítica. Cada vez mais percebo que o meu fazer docente e pesquisador, tem um caráter político aguçado e de fato acredito que deve ser assim, pois somos parte de um todo, que precisa aprender a repensar as questões neoliberalistas que impactam nossas vidas, especialmente o cenário da educação, entendendo e refletindo sobre o Neoliberalismo enquanto um modelo ideológico-econômico, que tem forte influência nas questões da sociedade estudantil/acadêmica, como a defesa de medidas em relação ao corte de investimentos em serviços públicos.

Nesse contexto é possível perceber que as classes dominantes visam expandir e propagar o sistema vigente, no qual a escola é entendida/vista como aparato ideológico de dominação. Então, quando pensamos em nossas salas de aula, por exemplo, percebemos e compreendemos que língua é, de fato, construção de sentido. O aluno só consegue se desenvolver a partir do momento que consegue estruturar a linguagem e criar discursos híbridos, em prol dessa construção dos sentidos. Somente com isso é possível propor ao aluno discussões que são impostas pela sociedade.

Por isso, é importante pensar o ensino de línguas no Brasil, por uma perspectiva de língua como prática social, a fim de garantir a representatividade da nossa realidade, da realidade das(os) alunas(os) com os quais lidamos. Quando pensamos, de fato, na formação de professoras(es), temos a incumbência de buscar alternativas às nossas práticas e de proporcionar a estas(es) futuras(os) professoras(es), espaços de compreensão da língua voltada para as questões sociais e da contemporaneidade, de maneira crítica e empoderada.

Sob essa ótica, entendo que língua está além de simples códigos para comunicação e expressão. Entender que língua é instrumento político e que envolve relações de poder é considerar que por meio dela me constituo como sujeito e cidadão ativo em uma sociedade. Ela só se efetiva nas condições que somos inseridos e submetidos, ou seja, nas interações, nas relações, as quais são modificadas em cada experiência vivida. O uso da língua depende, então, das interações, dos sujeitos e das práticas sociais constituídas.

[...] nossos conhecimentos, atitudes, comportamentos não são hierarquizados por terem em si uma essência que os determinaria como superiores ou inferiores; a hierarquização de nossos valores e conhecimentos acontece culturalmente e não está determinada por qualidades inerentes aos sujeitos e objetos, mas sim por características a eles conferidas pela sociedade. (JORDÃO, 2007, p. 20-21)

Não há conhecimento inferior. Para cada qual, o discurso ou objeto, terá seu valor, de acordo com as culturas que influenciam cada sujeito, enfocando a noção de língua como espaço de construção de sentidos. As pessoas têm seu lugar; porém, sofrem influências dos grupos sociais nos quais estão inseridos e que são constituídos por diversos discursos com culturas híbridas.

Assim, a língua é, essencialmente, uma forma de interação entre o conhecimento, as experiências e as práticas sociais, pois “a maneira como entendemos o mundo influencia nossas concepções educacionais e, evidentemente, condiciona determinadas perspectivas diante do papel das línguas na formação das pessoas” (JORDÃO, 2007, p. 20).

A linguagem é uma manifestação da cultura e se alimenta da língua que é adquirida por meio da interação. Para Jordão (2007, p. 21), “a linguagem constrói as realidades/verdades que conhecemos: ela nos possibilita interpretar as realidades que percebemos no mundo e assim elaborar nossas verdades sobre ele”. É contraditório afirmar que a neutralidade está influenciada por outras vozes; porém, não há espaço de neutralidades de fato. Existem diversas lentes e depende de como o sujeito irá observar as discussões e situações que o envolve, uma vez que, a perspectiva crítica possibilita uma visão mais transparente e profunda do que está posto para o sujeito, ou seja, uma visão transcultural, diversa e com postura de agência.

A linguagem tem um papel fundamental nessas mudanças contemporâneas, que são, antes de tudo, transformações de comunicação e de construção de sentidos. A linguagem é essencial na determinação de mudanças na vida e nas experiências que fazemos. Ao mesmo tempo, ela é afetada e transformada por essas mudanças. (BARTON, 2015, p. 13)

No sentido social, a língua une indivíduos pela linguagem e, em seu funcionamento, deixa marcas nos indivíduos falantes. Separando-se a língua da fala separa-se também o social, o individual, o essencial e o acessório. A língua é um objeto concreto e a linguagem é heterogênea, mesmo assim, a língua não é neutra e a linguagem é uma ferramenta da língua.

Na contemporaneidade, é preciso estarmos atentos à formação de uma nova identidade para lidar com as questões da pós-modernidade. A língua como prática social nos dá condições de lidar com tais questões quando enfatiza a diversidade de textos que envolvem a comunicação e exige novos letramentos. Kleiman (2016, p. 170) diz que há uma,

Redefinição do conceito de letramentos em duas dimensões: primeiro lugar, a diversidade de sistemas semióticos e de modalidades de comunicação e, em segundo lugar, a diversidade linguístico-cultural. O conceito de multiletramentos abrange essas duas dimensões, apontando que os textos não se compõem apenas de palavras, mas de múltiplos outros sistemas de significação, como sonoro, o oral, o gestual, o imagético, o gráfico; ou seja, o letramento não tem a ver apenas com a escrita.

Uma vez que este processo de acontecimentos e de transformações na sociedade são resultantes da cultura, dizemos que manifestações culturais influenciam o modo de vida da humanidade a todo o momento. Canclini (2013, apud ROJO, 2012, p.13) afirma que “a produção cultural atual se caracteriza por um processo de *desterritorialização*, de *descoleção* e de *hibridação* que permite que cada pessoa possa fazer “sua própria coleção”, sobretudo a partir das novas tecnologias”, tais características nos permitem entender a fluidez da pós-modernidade. Para Canclini (2013, p.23), a ênfase da hibridação,

Põe em evidência o risco de delimitar identidades locais autocontidas ou que tentem afirmar-se como radicalmente opostas à sociedade nacional ou à globalização. Quando se

define uma identidade mediante um processo de abstração de traços (língua, tradições, condutas estereotipadas), frequentemente se tende a desvincular essas práticas da história de misturas em que se formaram.

Novas formas de comunicação, de informação e de conhecimento tomam novas proporções e emergem dos vários grupos que também são ressignificados devido ao desenvolvimento acelerado da globalização. De acordo com Canclini (2013, p. 31), esse desenvolvimento acelerado da globalização “nos coloca ante o desafio de configurar uma “segunda modernidade”, mais reflexiva, que não importa sua racionalidade secularizante e, sim, que aceite pluralmente tradições diversas”.

Vale lembrar que atualmente fazemos parte de uma sociedade múltipla e híbrida. A sociedade é híbrida, pois se constitui a partir da cultura que também é híbrida. Pelo fato de não ser isolada todos os contextos, a cultura e a sociedade estão imbricadas e “[...] entendo por hibridação processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas” (CANCLINI, 2013. p.19). Assim, as questões de cultura e interculturalidade nos remetem aos estudos a respeito da educação linguística.

Com as novas percepções e concepções sobre culturas, surgem concomitantemente novas formas de linguagem, que acabam sendo incorporadas ao nosso processo linguístico. De acordo com Everett (2019, p.100), ao abordar a linguagem como sendo a maior invenção da humanidade,

a cultura é abstrata porque ela não pode ser tocada, nem vista, nem inalada – ela não é diretamente observável. Porém, os produtos da cultura, tais como artes, bibliotecas, papéis políticos, alimentação, literatura, ciência, religião, estilo, arquitetura, tolerância ou intolerância, são não abstratos, visíveis e tangíveis. [...] Por sua vez, os membros de uma cultura compartilham conhecimento e papéis.

Essas discussões nos remetem ao viés dos multiletramentos que, de acordo com Street (2012), leva em consideração a ideia de que o foco sai do objeto e passa ser o sujeito, ou seja, são as práticas e as concepções do sujeito que serão levadas em conta, pois nos constituímos como pessoa a partir das experiências que nos

envolvem. Todo sujeito muda de acordo com sua proposta e com sua perspectiva intercultural. Para Larrosa (2019, p. 20),

O sujeito moderno é um sujeito informado que, além disso, opina. É alguém que tem uma opinião supostamente pessoal e supostamente própria e, às vezes, supostamente crítica sobre tudo o que se passa, sobre tudo aquilo de que tem informação.

Pensar sob a perspectiva dos multiletramentos nos leva a entender que é preciso existir um ensino crítico, pautado nas questões sociais da língua. Por isso, ter o olhar voltado para a educação linguística, nos torna capazes de desconstruir temas irrelevantes para nosso contexto ou contexto do outro, o qual lidamos. Uma(um) professora(o) que entende que a língua é poder, enquanto estamos em salas de aulas problematizando e questionando os sistemas, é capaz de adquirir e compartilhar muito mais do que bens culturais, pois estamos transferindo e conquistando conhecimentos, somos emancipados e possibilitamos caminhos para a emancipação do outro, ou seja, estamos construindo e definindo nossas identidades.

Corroborando essa ideia de nos preocuparmos com os sujeitos, entende-se que professoras(es) em formação devem ser muito mais do que simples professoras(es), pois elas(es) são sujeitos modernos. O mundo moderno de hoje, exige competências e habilidades linguísticas, totalmente diferentes das exigidas a um tempo atrás. A língua, entendida como prática social é compartilhada e interativa em meios de comunicação virtuais e digitais, com muito mais precisão, de maneira muito mais rápida e multimodal. Devido a isso, precisamos repensar a vida social em outras bases, a partir de novas perspectivas.

Este fato está sendo tão marcado na sociedade, especialmente pelas(os) jovens da geração Z⁷, que se caracteriza por um contexto altamente tecnológico. São jovens que nasceram com a presença da *internet*, desde pequenos são acostumados com todas as possibilidades que a tecnologia dispõe. Elas(es) nunca viram o mundo sem a presença de computadores, *tablets*, celulares e *smartphones* e, desde muito cedo, lidam muito bem com esses dispositivos, aprendendo tudo com muita facilidade.

⁷ Embora alguns autores, como Barton e Lee (2015) questionam essa caracterização das gerações tecnológicas, optei por utilizá-la para destacar o aspecto temporal.

Esse fator vem transformando os contextos da sociedade; a cultura digital tem sido aflorada e, cada vez mais, influenciadora dos modos de vida das pessoas. Para Barton e Lee (2015, p.12),

Essas mudanças decorrentes da tecnologia se encaixam em mudanças sociais mais amplas. A vida contemporânea está mudando em muitos aspectos e isso impacta a linguagem e as práticas comunicativas. A tecnologia é parte central disso, mas é apenas um elemento num conjunto de fatores interligados. [...]

A linguagem e as práticas comunicativas vêm sofrendo transformações. Antes escrevamos cartas (manuscritas, datilografadas ou impressas) enviadas pelo correio e levava dias para receber/entregar. Hoje temos os *e-mails* (correios eletrônicos), a mensagem é enviada e entregue no mesmo dia e na mesma hora; temos também o *Whatsapp*, serviço de mensagens instantâneas que conta com várias modalidades de texto (áudio, figurinhas, *emoticons*, etc.) para a transmissão das mensagens; sem contar as compras, que hoje podem ser feitas com um simples clique sem sair do lugar onde está.

Todos estes fatos são características marcantes da contemporaneidade, um contexto fortemente influenciado pela presença da tecnologia digital, que exige o desenvolvimento de novas competências, competências de comunicação (saber escrever e ler pela tecnologia/ comunicar via fóruns, via comentários em redes sociais, via grupos de *whatsapp*) competências de colaboração (aprender a trabalhar em grupos *online*, construir textos juntos em ferramentas de textos colaborativos).

As transformações e evoluções fazem parte da história da linguagem e me permitem concordar com Everett (2019), quando ele afirma que “a linguagem é a maior invenção da humanidade” e que com o passar do tempo vem sendo modificada por diferentes aspectos, especialmente os ambientais.

A perspectiva dos multiletramentos desconstrói a ideia de que cada coisa (por exemplo, tecnologias, acesso à informação e conhecimento) é destinada para certas pessoas ou grupos. Sob este viés é possível perceber que tudo isso se torna relevante a partir dos fatos sociais que nos rodeiam e nos permite estar imersos às questões da contemporaneidade. Por isso, com os estudos de multiletramentos, compreendo que há uma variedade de textos disponíveis para serem lidos e de diferentes formas.

Partindo desta premissa, novas habilidades são exigidas assim como novos modos de conduzir essas leituras, conseqüentemente, novas práticas de letramentos.

Como afirma Barton e Lee (2015, p. 11),

A ideia de que as inovações tecnológicas podem mudar a vida de maneira fundamental e de que essas mudanças atingem cada aspecto da vida tem sido associada a várias inovações ao longo da história, incluindo o desenvolvimento da imprensa, jornais, câmeras, serviço, postal, rádio e telefone.

Dessa forma, a linguagem e a sociedade tem se transformado a partir do desenvolvimento tecnológico, embora este ainda seja determinado pelas condições históricas e é também fator de determinação dos modos de ação social. Como afirma Takaki (2017, p. 25)

O ditado “nenhum homem é uma ilha” merece ser recuperado de tempo em tempo, pois ele nos inspira a buscar pela expansão dos sistemas de aprendizagem que requerem um embate de natureza dialógica de si e para si e de si para com o Outro. E se a sociedade de conhecimento, este complexo como sempre, propicia práticas de constante aprendizagem, então é possível que as interações com o funcionamento das linguagens revitalizem o sistema de produção de conhecimentos.

Concordo com a autora quando ela diz que “nenhum homem é ilha”, pois de fato não a somos, não vivemos isolados, ou até mesmo “desconhecidos”. Somos seres em constante contato social, expostos a novas aprendizagens o tempo todo. Vivemos em sociedade, aprendo comigo e com o outro, num processo dialógico e complexo. Com o cenário contemporâneo, especialmente caracterizado pela tecnologia digital, somos revitalizados a cada dia, a fim de lidar com novas formas de funcionamento da linguagem e concomitantemente, novas formas de produzir e compartilhar conhecimento.

Assim, a tecnologia digital materializa as relações sociais e informa como se dá a sua utilização (PARRA, 2014). Muitos acontecimentos têm marcado o final do Século XX e início do Século XXI, em diversas áreas do conhecimento, especialmente, o avanço tecnológico. As transformações nas várias formas de dominar o saber nunca aconteceram com a frequência e rapidez com que acontecem

hoje e isso vem atingindo a população de modo geral, devido ao fato de que atualmente, as tecnologias fazem parte do modo de vida de muitas pessoas. Para Barton (2015, p. 12),

A tecnologia faz parte das experiências vividas pelas pessoas em todos os contextos, desde engajar-se numa infinidade de sites de redes sociais com amigos, até o trabalho, o estudo ou a participação na vida familiar. De fato, é difícil encontrar uma área da vida que não tenha mudado.

A linguagem é trabalhada há décadas e a adoção de mudanças no conceito de linguagem e comunicação tem sido identificada como uma nova comunicação ou como uma comunicação tecnologizada. Porém, não se trata de substituições e sim de agregações ou de acumulações (MONTE MÓR, 2010). Entende-se esse processo de transformações como sendo uma revolução importante para a área da comunicação, pois serve como impulso para repensar a formação, por exemplo.

As revoluções possibilitam a descentralização da visão de linguagem escrita, evocando novos estudos de outras construções de comunicação então percebidas ou manifestadas. Inspirada em Monte Mór (2010), posso dizer que as novas formas de linguagens que emergem do contexto digital são formas de expressão e comunicação que não se limitam a “comunicar”, mas se expandem para o “expressar-se” e para o “interagir”, o que parece envolver e possibilitar maior agência dos interlocutores.

As novas formas de linguagens permitem que os sujeitos se expressem e se comuniquem de variadas formas, como antes não era possível. Por exemplo, no contexto atual existem as redes sociais das prefeituras dos municípios, nelas são postadas informações a respeito da atual pandemia, com isso os cidadãos têm a oportunidade de receber informações que antes só chegavam a uma parcela da população.

Podem, ainda, levantar questionamentos a respeito das ações do poder executivo e legislativo; podem dar opiniões, podem fazer denúncias, enfim, podem executar várias ações que em tempos anteriores não eram possíveis. É desta forma que os interlocutores se tornam agentes, recebendo, produzindo e compartilhando conhecimento/informações, possibilitadas pela multiplicidade de linguagens emergentes do contexto contemporâneo.

Dessas novas formas de linguagens, posso considerar então os aspectos da cultura digital que é fruto dessas novas formas de interação e comunicação, pois a cultura digital são as várias práticas de interação social, realizadas a partir dos recursos da tecnologia digital de informação e de comunicação. Desse contexto, emergem práticas inovadoras que são capazes de reconfigurar vários aspectos no modo de vida da sociedade e é essa cultura que vem influenciando a língua, de um modo geral. O fato de estarem ligados à tecnologia faz com que o acervo lexical seja inovado, juntamente com o desenvolvimento da tecnologia, visto que as mudanças na língua são influenciadas pelas mudanças na cultura.

A sociedade atual se transforma em todos os âmbitos, nas relações de trabalho, as pessoas devem apresentar habilidades que não se limitem à repetição competente, mas também a capacidade de iniciativa, de escolha e de percepção crítica, para melhor realizar as tarefas.

Em outras palavras, novas atividades na vida não são tecnologicamente determinadas; o fato é que a própria tecnologia também é parte de mudanças sociais mais amplas. E diferentes pessoas fariam usos diferentes das tecnologias para alcançar seus próprios propósitos em diferentes contextos. (BARTON; LEE, 2015, p. 13)

Nas relações pessoais, a concentração de pessoas em grupos definidos e organizados se expande, formando no caso, os grupos virtuais e os planos pessoais se diversificam, em face da multiplicidade de alternativas que passam a ter visibilidade nas sociedades digitais.

Monte Mór (2019), ao analisar a formação de professoras(es) de línguas e os desafios da formação, bem como desigualdades comuns à educação e ao professor, considera um novo modelo de sociedade, a sociedade em rede, já mencionada antes por Castells (1999), que é voltada para “o ser que aprende pelo e no uso de algo”. Dessa forma, a autora nos mostra uma sociedade em que: o valor está no fazer (construir, criar, transformar), o que fazem podem criar e desenvolver suas liberdades, podem se “emancipar”, ter agência, embora se reconheça que em muitos dos que fazem (algo) também seguem ou podem seguir os critérios da conformidade, isto é, fazem algo repetitivo conforme outros modelos pré-existentes.

A ideia de agência é justamente contrário à essa ideia da conformidade, a partir do momento que o sujeito se torna agente de uma situação/causa, ele se guia por suas próprias “rédeas”, toma suas próprias decisões e que estas decisões não vêm “do nada”, mas sim de experiências, vivências, questionamentos e problematizações acerca do que a sociedade lhe oferece.

Nessa perspectiva, relaciono a sociedade em rede com a sociedade digital. Em ambas, encontram-se um conceito de comunicação, que se volta para as relações de trabalho, de vida pessoal e de interação social, e que surge da dialética entre sociedade e escola. É nesse lugar, na sociedade digital, que a tecnologia amplia as formas de organização e construção do conhecimento, se desvinculando de ideias reducionistas na dualidade e priorizando o aprendizado a partir das várias formas de linguagem.

Assim, de acordo com Monte Mór (2019), as experiências que são realizadas, considerando as perspectivas supracitadas, confirmam os propósitos dos letramentos com um projeto educacional que permite expandir as funções educacionais e que, por sua vez, nas formas críticas ou subjetivas, contribuíram na formação, na compreensão leitora, na distribuição do conhecimento e na reconstrução de sentidos de valores socioeconômico e culturais, reafirmando o propósito da educação.

Monte Mór (2010) discute linguagem, comunicação e sociedade, destacando incontestáveis mudanças percebidas nas últimas décadas, que segundo ela, são promovidas pelo advento e disseminação das tecnologias e da revisão de conhecimento, *modus vivendi*, comunicação e o que teóricos denominam “*mindsets*”, com referências às formas de ver e perceber a sociedade. Isso me leva a refletir sobre nossas práticas e nossas atuações enquanto professoras(es) de línguas e me leva a pensar, também, sobre o caráter linguístico exigido por essa nova sociedade.

Para este novo cenário da sociedade, a educação linguística possibilita, conforme afirma Ferreira (2018, p. 42),

pensar questões que preocupam os meus alunos e as minhas alunas e como colaborar em refletir sobre as questões que os/as angustiam, pois a partir daí também eles e elas, em seus contextos, quando estiverem em sala de aula como docentes, também poderão fazer questões similares.

Neste sentido, é importante considerar o conceito da educação linguística, a fim de promovê-lo no cenário da formação de professoras(es), uma vez que, lidamos com uma sociedade em constante processo de (trans)formação e ressignificação, em relação às questões linguísticas e às habilidades tecnológicas, especialmente e, assim, pensando sob o viés dos multiletramentos.

De acordo com Rojo (2012, p. 23), os multiletramentos funcionam a partir de algumas características importantes: “a) são interativos (colaborativos); b) fraturam e transgridem as relações de poder estabelecidas; e c) são híbridos, fronteiriços, mestiços (de linguagens, modos, mídias e culturas)”, ou seja, é preciso desenvolver novas habilidades e compreender que a produção textual e a leitura não são mais um processo puramente linguístico. É importante considerar imagens, sons, cores e movimentos, em um processo mais interativo e colaborativo, no sentido de ajuda, auxílio no trabalho em comum, que pode acontecer com uma ou mais pessoas em grupos, por meio de interações midiáticas ou textuais escritas.

É característica da natureza digital, diferentemente de outras mídias, a mídia digital, “tradutora” de outras linguagens permite que o usuário interaja em vários níveis e com vários interlocutores (ROJO, 2012). Hoje é muito fácil encontrar pessoas que fazem vídeos, editam uma foto, gravam um áudio, mandam uma mensagem *online*, enfim, pessoas que estão habituadas à presença da tecnologia. Sobre essa variedade de texto, Zachi (2017, p.65) afirma:

[...] a crescente importância de outros modos de construção de significados - que passam a interagir com o modo linguístico - expressa-se na noção de multimodalidade. Os modos de produção de significado que estão adquirindo maior grau de importância, segundo teóricos dos multiletramentos, são cinco: visual, auditivo, gestual, espacial e multimodal. Este último refere-se à integração de todos os anteriores, incluindo também o já tradicional modo linguístico.

Com “novos olhos”, compreendemos nosso lugar de agente transformadora(o) e mediadora(o), e enxergamos nossas(os) alunas(os), aprendemos a considerar que eles são seres múltiplos e diversos, constituído por uma gama de diversidades.

Sob a perspectiva da educação linguística crítica, Duboc (2018), nos leva a entender que as pesquisas e práticas devem levar em consideração a natureza social

da linguagem, ressaltando os sentidos proporcionados aos sujeitos envolvidos socioculturalmente em diversos contextos.

Por isso, afirmo que a língua é um dos principais aspectos culturais da sociedade e isso faz com que a língua não seja dissociada da cultura, uma não existe sem a outra e se complementam. Assim, considero que há aspectos semelhantes e distintos entre as línguas, que validam a ideia de que cada grupo social tem seus hábitos e costumes específicos, que fazem com que cada qual veja e perceba o mundo de uma forma.

1.2 Formação de Professoras(es) de línguas e as plataformas digitais

Chegar a uma formação docente que possa promover uma mudança no mundo ou mesmo no universo mais próximo de cada um e que possa ser construída politicamente num viés sociocultural, pode possibilitar a compreensão de como se desenvolvem as lutas político-discursivas pelo significado do que venha a ser um bom currículo na formação de professoras(es) (LOPES; BORGES, 2015), voltados e comprometidos com a educação.

Pensando nas lutas político-discursivas, posso dizer que almejo discussões sobre concepções políticas, no que diz respeito, especialmente, às estruturas curriculares, uma vez que a política é vista na definição do currículo, dentro de um sistema de valores. Para a educação básica, a política é produtora do currículo, entendido como dispositivo disciplinar, no qual se desenvolve um discurso pedagógico, imbuído de projetos culturais e sociais, que norteiam as práticas desenvolvidas nas escolas e contribui para a formação. O currículo define como alcançar os objetivos, relacionando princípios e operacionalizando teoria e prática, planejamento e ação, sempre em construção e adaptando-se às mudanças.

De fato, as lutas político-discursivas, são as dificuldades encontradas na desconstrução das tradições das(os) clássicas(os) professoras(es), habituados com arcaicas técnicas repetitivas, mas a contemplar a formação inovadora do século XXI, a qual pode ser demorada apesar de urgente, mas que demanda total aceitação.

Dessa forma, entender o que vem a ser formação, sujeito educado, trabalhador, profissional e docência, assumindo riscos e dificuldades da educação na atualidade, implica falar de uma formação voltada para mudança social. O desafio dessa mudança envolve responsabilidade e compromisso de formadoras(es) e pesquisadoras(es) nas

universidades e de professoras(es) nas escolas. Como afirmam Lopes e Borges (2015, p.489),

[...] assumimos – com todos os riscos e dificuldades – um enfoque discursivo e pós-estrutural que tenta desconstruir tradições instrumentais e críticas no campo do currículo, ao mesmo tempo em que tenta compreender como essas mesmas tradições – sempre híbridas, sempre identitariamente precárias – constituem determinados processos de identificação. São sedimentos que fixam – ou contribuem para fixar – muito do que se pensa sobre currículo e educação na atualidade.

A formação de professoras(es) representa um papel estratégico na qualidade da educação, por isso é importante pensar no processo educativo do século XXI, tanto no âmbito da formação da(o) professora(o) quanto no cenário atual que o espera lá fora, caracterizado por novas exigências devido ao contexto tecnológico. Essas novas demandas emergem pelos multiletramentos, considerando as múltiplas linguagens e culturas.

Como aponta Rojo (2012), a sociedade contemporânea é caracterizada por um contexto emergente de novos letramentos e culturas híbridas. Portanto, os multiletramentos apontam dois tipos específicos e importantes de multiplicidades – a multiplicidade de linguagens e a multiplicidade de culturas. Neste sentido, são necessárias novas formas de ensinar e aprender e as(os) futuras(os) professoras(es) de línguas precisam estar preparados para lidarem com “as(os) novas(os) alunas(os)” e a hibridez de suas salas de aula.

Neste aspecto, antes de considerar a ferramenta tecnológica, faz-se indispensável compreender o processo de comunicação e informação que é permeado pelas múltiplas habilidades de linguagem, levando em consideração a capacidade da(o) professora(o) de agir, refletir e agir sobre a sua realidade. Mas,

[...] não podemos cair na falsa compreensão de que a utilização de novos recursos tecnológicos seja a saída para todo e qualquer problema da educação, e tampouco acreditar que os professores devam ser martirizados pela falta de familiarização com estes recursos. (TAVARES; FREITAS, 2018)

Como dito anteriormente, criar uma disciplina específica sobre multiletramentos (FREITAS, 2019) ou letramentos digitais não é a solução, o importante é a

conscientização do professor acerca do cenário atual e assim promover vivências e/ou experiências, que possibilitem reflexões e ações sobre os novos modos de ensinar e aprender, ler e entender o mundo. O que uma(um) professora(o) precisa aprender em seu curso de formação é o que precisamos levar em conta neste contexto emergente. Porém, entendo que não é somente dentro de um curso de formação que uma(um) professora(o) se “forma”. O mundo que nos cerca nos constitui e nos (trans)forma a todo tempo. Todas as questões sociais, políticas, ambientais e econômicas influenciam em nossa formação.

Como pontua Andreotti (2017, p.41),

O atual mundo globalizado evidencia uma reconfiguração econômica e política provocada pela força do capital financeiro, o qual tem impactado enormemente as relações sociais e institucionais dentro do estado-nação. [...] Ao nos depararmos com desafios globais de uma magnitude jamais vista, perguntamo-nos: qual é o papel da educação no meio disso tudo? As respostas institucionais insistem em mudanças dos paradigmas educacionais segundo uma lógica neoliberal puramente economicista.

Assim, há certo cuidado que os cursos de formação de professoras(es) devem tomar. Primeiramente, para que de fato haja uma mudança de paradigmas, é preciso repensar os currículos e lembrar sempre que ele é um dispositivo de poder. Professoras(es) em formação precisam vivenciar práticas inovadoras e transformadoras para que consigam ampliar as relações de produção de conhecimento quando forem para suas salas de aula, e muito mais que isso, “precisamos de instigações que apontem para além do imaginário global dominante e do pensamento abissal” (ANDREOTTI, 2017, p. 50).

Freire (2009) e Menezes de Souza (2011) apontam que é preciso mudanças na forma de pensar, dos sujeitos envolvidos na educação de forma especial, pois vivemos paradigmas educacionais emergentes, que contrapõe os atuais. Dessa maneira estamos diante de uma “(in)compatibilidade com o contexto histórico-social”, em relação às práticas desenvolvidas e consideradas dentro de sala de aula.

Se considerarmos como um processo de revolução, é importante acreditar que as(os) professoras(es) de línguas precisam abraçar o desafio e estarem dispostos a se prepararem para a nova realidade; ou seja, precisam querer aprender a lidar com os novos recursos e possibilitar diferentes formas de uso em salas de aulas.

Entretanto, as universidades e centros de formação de professoras(es), precisam, também, assumir novos papéis para prepararem estes profissionais; é preciso repensar as práxis construídas e realizadas dentro das universidades.

Então, cabe a nós repensarmos os processos de formação de professoras(es), pois, como aponta Souza (2018, p. 168)

A formação de professores tem sido entendida, de um modo geral, como espaço para o ensino de metodologias e técnicas [...]. É comum serem discutidos os conceitos teóricos nos quais essas metodologias estão baseadas em termos de: língua e ensino e aprendizagem; papel do professor e do aluno; interação entre professor e aluno, aluno e aluno; papel do erro e da avaliação.

O que de fato acontece é que essas questões não são discutidas, a(o) professora(o) geralmente acaba por escolher (e essa escolha diz respeito à minha constituição enquanto sujeito, à minha maneira de ver e ler o mundo, e é claro, a minha formação docente) um único método ou técnica e seguindo-a por toda sua trajetória, como se fosse uma receita pronta, definitiva e a mais eficaz.

As(os) professoras(es) formadores agem dessa maneira, pois vieram de uma formação tradicional e linear, pautada em repositórios de conteúdos, na qual eles foram “moldados” por características de “acomodação” e “transmissão” de conteúdos, foram ensinados a “pegar uma receita” e segui-la, ou seja, apenas repetir modelos pré-estabelecidos de ensino, sem questionar ou problematizá-los. Por isso, é importante também pensar no tipo de aluna(o) que quero formar e que tipo de professora(o) eu pretendo ser.

E, particularmente, espero ser uma professora capaz de formar alunas(os), com valores e princípios, cidadãs e cidadãos conscientes e críticos, capazes de desenvolver em si mesmos o papel de agente transformador de sua própria realidade. É nesse âmbito, em especial, que acredito que o papel da(o) professora(o) é de extrema importância; ela(ele) não precisa ser o detentor do saber para “ensinar” uma(um) aluna(o) a ser cidadã/cidadão, mas um mediador do conhecimento e da informação, estar atento às questões cotidianas e apto a problematizá-las em sua sala de aula, instigando o pensamento crítico e a sensibilidade à diversidade cultural.

É importante que a(o) professora(o), em sua totalidade e em consonância com o seu contexto, busque uma formação tecnológica, problematizadora e reflexiva, que

faça sentido para a nova realidade (FREIRE, 2009), para que sua própria adequação ao momento seja efetiva/significativa. Necessário será adequar-se à realidade tanto socioeconômica quanto reconhecer o momento de violência vividos, devido aos excessos de direitos e falta de deveres, como também as expectativas de compromisso com o aprendizado, buscando a formação continuada, praticando a pedagogia da esperança, um desejo de fazer a diferença.

Somos sujeitos plurais e, desse modo, desempenhamos diversos papéis. Frente a isso nos deparamos com um mundo de interconectividade, cada indivíduo é membro de uma comunidade, cada indivíduo tem sua concepção de vida e sociedade. Cada detalhe tem determinada relevância, de acordo com os contextos em que se estão inseridos. Neste momento, vê-se a necessidade das “novas formas de aprendizagem nesse mundo de complexidade” (MENEZES DE SOUZA, 2011).

Ao falar em “complexidade” recorro a Morin (2015), assim como é complexo o pensamento e a organização do conhecimento, é também as questões de se criar novas habilidades frente a um novo cenário, onde novas formas de produção, organização e disseminação do conhecimento emergem, uma vez que, tais questões estão ligadas diretamente a essas novas formas. Para o autor, “a dificuldade do pensamento complexo é que ele deve enfrentar o emaranhado (o jogo infinito das inter-retroações), a solidariedade dos fenômenos entre eles, a bruma, a incerteza, a contradição.” (MORIN, 2015. p.14). Refletindo sobre a teoria deste autor, entendo que o pensamento é complexo, pois estamos habituados com a produção e reprodução do conhecimento de forma linear.

Não é somente a partir das práticas com tecnologias que podemos mudar este fato. Para refutarmos as práticas lineares e tradicionais, precisamos nos colocar dispostos a isto, desenvolver em nossas ações o olhar crítico e reflexivo, sermos agentes transformadores das realidades que nos cercam e a que muitas vezes somos submetidos.

No trabalho com as plataformas digitais, as práticas de leitura podem parecer reducionistas, mas, há que se considerar que a maioria das(os) professoras(es) em formação são oriundos de uma formação tradicional e reguladora, orientada por uma mudança gerativista, onde os saberes tradicionais acarretam uma perda das noções de multiplicidade e diversidade. No entanto, essa simplificação é uma falsa racionalidade, pois a partir dessas contribuições e contradições, podendo assim dizer, mantém-se as incertezas e as limitações provocadas pelo compartilhamento do

conhecimento e mantém-se, também, a tendência de aplicar conceitos abstratos e críticos sobre o próprio pensar e seus métodos, voltando ao começo, mas ampliando o conhecimento a cada retorno (MORIN, 2015).

Isso é complexidade. Não pretendo contextualizar nessa pesquisa a teoria da complexidade, mas dizer que é preciso desconstruir essa ideia de que tudo já está pronto, seguir modelos preexistentes. Mas, considerar um processo rizomático que convive nos sistemas e no ambiente digital, tendo em mente as várias formas de linguagem. É essa diversidade de sujeitos e objetos, em busca de conexões, que fazem da aula um ambiente ideal, para o processo de ressignificação da transdisciplinaridade (MORIN, 2015).

Esta assertiva corrobora a ideia de Menezes de Souza (2011), que também escreveu sobre a metáfora do rizoma ao falar sobre a formação de professoras(es). Segundo ele, vivemos em um “mundo rizomático” e precisamos aprender a conviver e considerar toda diversidade existente, tudo que pode ser/parecer complexo. No entanto, o autor deixa bem claro que é preciso agir com cautela, ter responsabilidade social, pois estamos lidando com novas formas de aprender e novas formas de relacionamentos.

Reafirmo o ponto de vista de Menezes de Souza (2011) dizendo que somos mais do que um vegetal, sem formas específicas, e o processo de aprendizagem não é somente aquele que é ensinado dentro de uma sala de aula, mas pode ir além, sendo necessário agir com ética e responsabilidade.

Além de saber acompanhar o processo rizomático (MORIN, 2015) de produção, organização e disseminação do conhecimento, fruto da complexidade exigida no contexto emergente. A língua se junta à tecnologia e as mudanças na cultura, num espaço heterogêneo onde é compartilhada e a partir de sua história e cultura em desenvolvimento, é transformada em redes de comunicação. O processo rizomático nos leva a enxergar várias formas de linguagem e interação, entre sujeitos e sistemas conectados.

É imprescindível que a(o) professora(o) assuma o papel de mediador e orientador entre os sujeitos e as tecnologias, em busca do conhecimento para a construção da(o) aluna(o) atual, aquele que está a todo o momento em contato com várias formas de leitura, mas não se dá conta de que é uma(um) leitora(o), pelo fato de ver determinada tecnologia somente tal como foi desenvolvida/criada. E é como mediador que esta(este) professora(o) deve facilitar o processo de ensino-

aprendizagem fazendo uso dos aparatos eletrônicos, considerando as multiplicidades e desenvolvendo assim práticas pedagógicas múltiplas, para um 'público' que é também múltiplo.

É importante levantar questionamentos acerca da diversidade cultural e da diversidade de linguagens na escola, para que nós, professoras(es)-formadoras(es), repensemos nosso lugar e nossa prática pedagógica, frente ao cenário tecnológico que nos envolve atualmente, pois existe a,

[...] necessidade de a escola tomar a seu cargo os novos letramentos emergentes na sociedade contemporânea, em grande parte, devido às novas TICS, e de levar em conta e incluir nos currículos a grande variedade de culturas já presentes nas salas de aula de um mundo globalizado e caracterizada pela intolerância na convivência com a diversidade cultural, com a alteridade. (ROJO, 2012, p.12)

Dessa forma, há que se considerar a importância de conhecer o outro, ver quem ele é, pois estamos cercados de diferentes culturas e linguagens, diversas formas de interação e comunicação. Isso é multiletramento, levar em consideração a multiplicidade de culturas, leituras e compreensão. Para Rojo,

[...] multiletramentos, aponta para dois tipos específicos e importantes de multiplicidade presentes em nossas sociedades, principalmente urbanas, na contemporaneidade: a multiplicidade cultural das populações e a multiplicidade semiótica de constituição dos textos por meio dos quais ela se informa e se comunica. (2012, p.13)

As culturas se relacionam para a definição e constituição de um sujeito, bem como para o relacionamento e interação do mesmo com o meio e ela interfere diretamente no pensamento acerca da teoria dos multiletramentos, justamente por que levamos em consideração que estes se compõem a partir de dois fatores principais, a multiplicidade de culturas e a multiplicidade de linguagens (ROJO, 2012).

Sob essa perspectiva dos multiletramentos, volto meu olhar para as plataformas digitais para então considerá-las como novas formas linguagens e que a partir delas, novas habilidades de leitura e escrita são criadas e experienciadas. Essa questão se concretiza sob a ótica da educação linguística, que exige do sujeito (seja ele professora(o) em formação ou professora(o) formadora(o)) um olhar diferente e inovador, despido de suas definições concebidas por perspectivas tradicionais.

Considerar a tecnologia na formação de professoras(es) é importante e significa inovação, que na prática origina recursos que beneficiam a(o) professora(o)/aluna(o) e garante inovação, superação e ressignificação. Cora Coralina (poetisa goiana) é um exemplo disto, pois usou a tecnologia como recurso para transformar sua realidade social, pois para Barton (2015, p. 11) “[...] os aspectos da vida, incluindo as atividades cotidianas, as práticas de trabalho e o mundo da aprendizagem, são transformados pelas tecnologias digitais”. De origem simples e pouca escolaridade, a poetisa recorre a um curso de datilografia, a pedido da editora, como exigência para publicar seus poemas e, então, desta forma, com o auxílio da datilografia, recurso tecnológico pertinente à época, se torna conhecida e famosa. Cora Coralina era considerada uma mulher à frente de seu tempo, pois não se submetia às exigências da sociedade da época, foi um grande exemplo de resistência frente aos padrões sociais de seu tempo. Naquele tempo, ela já dizia,

... venho do século passado. Pertencço a uma geração ponte, entre a libertação dos escravos e o trabalhador livre. Entre a monarquia caída e a república que se instalava [...] Tive uma velha mestra que já havia ensinado uma geração antes da minha. Os métodos de ensino eram antiquados, e aprendi as letras em livros superados de que ninguém mais fala. (Quem é Você? Cora Coralina)

Neste trecho, o pensamento de Cora Coralina impressiona pelo fato de mostrar a importância de recursos que podem mudar uma história e, no caso da formação, notar que a tecnologia é a ponte que leva a formação para uma nova era, “pós-tipográfica”, onde o computador é uma mídia ou máquina que combina outras mídias com suas linguagens específicas e cria recursos que favorecem a educação e formação de professoras(es) que, segundo Rojo (2012, p. 201) é o que dá sentido às práticas letradas atuais, que caracterizamos como multiletramentos e novos letramentos, nas quais se combinam leituras de múltiplas linguagens, que muitas vezes, recombina e remixam diversas práticas culturais, a partir de novas éticas e estéticas.

O encontro entre professora(o) e tecnologia demanda capacitação em relação às metodologias e formas de conhecimento próprios dessa modalidade. Dentre vários estudos que permeiam o universo da pesquisa acadêmica, me reporto à preocupação com a formação docente tecnológica, com plataformas de ensino, apresentada em

outro estudo, com a plataforma denominada Plickers⁸ (MAGALHAES; FREITAS, 2019), na qual as autoras abordaram os multiletramentos na formação de professoras(es) de línguas, analisando e descrevendo a plataforma, percebendo sua aplicabilidade durante a formação, como ferramenta de ensino e aprendizagem. Nesse momento, recorro a Rojo (2012), para dizer que a sociedade contemporânea é caracterizada por um contexto emergente de novos letramentos e culturas híbridas; por isso, a importância de se considerar o viés dos multiletramentos que apontam para dois tipos específicos e importantes de multiplicidades – as linguagens e as culturas.

Notando o contexto da contemporaneidade ao qual estamos inseridos e considerando a ferramenta tecnológica, é também indispensável considerar a capacidade da(o) professora(o) de agir, refletir e compreender o processo de comunicação e informação em suas múltiplas habilidades de linguagem, Magalhães e Freitas (2019, p. 50) destacam que,

para compreender o papel da tecnologia no campo educacional é preciso entender primeiro seu conceito e sua importância para o ser humano. Tecnologia é antes de tudo, inovação, raciocínio, conhecimento e técnica, que colocados em prática dão origem a diferentes recursos que beneficiam o ser humano, garantindo sua sobrevivência e supremacia, então, pode-se dizer que tecnologia é também sinônimo de poder.

Esse poder agrega necessidade, acompanha avanços, amplia as habilidades e promove mudanças que viabilizem a interação, comunicação e informação, muito útil ao aprendizado.

Por essas e outras razões é que a escola se torna o principal alvo da influência das tecnologias. Nessa nova era a(o) professora(o) necessita de uma formação que transforme seu campo educacional e suas habilidades, de modo inovador e com variados recursos, almejando novas metas e objetivos, por isso é importante estar constantemente repensando o processo de formação docente, a fim de acompanhar as transformações geradas pelos avanços da sociedade.

Vivenciando e vencendo obstáculos na perspectiva de transformar experiências didáticas em recursos científicos e tecnológicos para então, repensar suas práticas, Magalhães e Freitas (2019, p. 53), dizem que,

⁸Plataforma digital criada com o intuito de realizar avaliações formativas em tempo real, mas que para o estudo foi ressignificada.

[...] é essencial levar essas práticas multiletradas e ressignificadas para os cursos de formação de professores, porque não se pode cobrar do professor uma prática multiletrada se esta não faz/fez parte de sua formação acadêmica, pois é com os multiletramentos que conseguimos considerar todas as formas de pensar e expressar do indivíduo.

Sendo assim, conhecer e compreender faz parte do processo para então, rememorar e reutilizar estes recursos em práticas ressignificadas, não reproduzir o ensino que se aprendeu ao longo da trajetória escolar/acadêmica, se este foi tradicional e engessados em modos reducionista de aprendizagem. Isso deve estar em constante transformação, pois o ensinar é também um constante aprendizado.

Embora este trabalho não se limite às questões teóricas a respeito formação de professoras(es) sob o viés dos multiletramentos, trago a seguir, um quadro com os principais tópicos destacados de cada teoria abordada ao longo da pesquisa. Não as tomo como “verdades absolutas”, mas fundamento minhas reflexões e construo meus conceitos a partir delas.

QUADRO 2 - Síntese das teorias norteadoras das discussões

Língua e linguagem	Everett (2019), Canclini (2013), Barton e Lee (2015), Parra (2014), Kleiman (2016), Jordão (2007), Larrosa (2019).
Multiletramentos	Rojo (2012; 2019), Monte Mór (2010;2019), Street (2012;2014), Barton e Lee (2015)
Formação de professoras(es) de línguas	Lopes e Borges (2015), Andreotti (2017), Tavares e Freitas (2018), Freitas (2019), Freire (2009), Menezes de Souza (2011).
Educação linguística	Mattos (2018); Duboc (2018), Ferreira (2018).

Fonte: a pesquisadora.

No capítulo a seguir, apresento o caminho percorrido durante a minha pesquisa até culminar nesta dissertação, destacando a metodologia definida para a pesquisa, bem como os instrumentos utilizados e as(os) participantes envolvidas(os).

CAPÍTULO II

POR ONDE PASSEI: a estrada contemporânea

“Esta fonte é para uso de todos os sedentos. Toma a tua parte. Vem a estas páginas e não entres seu uso aos que têm sede.” (Cora Coralina, Aninha e Suas Pedras)

Se buscarmos entender etimologicamente o significado da palavra “pesquisa”, descobrimos que essa palavra teve origem⁹ do Latim e significa “buscar com afinco”, ou seja, “procurar com perseverança” e que nos leva a novos conhecimentos.

Quando citei o poema “Das pedras”, de Cora Coralina, não imaginei que poderíamos visualizá-lo com outra ótica ao apresentar como se deu a pesquisa, ou seja, a metodologia que é justamente isso: o caminho percorrido, visto que, como define Minayo (1993, p. 23), pesquisa é:

(...) a atividade básica das ciências na sua indagação e descoberta da realidade. É uma atitude e uma prática teórica de constante busca que define um processo intrinsecamente inacabado e permanente. É uma atividade de aproximação sucessiva da realidade que nunca se esgota, fazendo uma combinação particular entre teoria e dados. (MINAYO, 2014, p.23)

Então, em toda pesquisa é preciso definir uma metodologia, a pesquisa é um processo constante de construção e reconstrução de caminhos, a fim de entender e compreender uma realidade, ou simplesmente parte dela como explica Minayo (2014, p. 24): “o universo da atividade humana criadora, afetiva e racional. O universo das investigações qualitativas é o cotidiano e as experiências do senso comum, interpretadas e re-interpretadas pelos sujeitos que as vivenciam”.

A palavra “metodologia¹⁰” vem do Latim, “*methodus*” que significa “caminho ou via para a realização de algo”, ou seja, é todo um processo necessário para se atingir um objetivo. Assim como Cora Coralina demonstra em seu poema, que o caminho para o sucesso não é feito somente de flores, também vou “tecendo um tapete” em meio a flores e pedras, seguindo o meu caminho na pesquisa.

⁹A origem de **pesquisa**. Ela vem do Latim *perquirere*, “buscar com afinco”, de *per-*, intensificativo, mais *quaerere*, “indagar”, de *quaestio*, “busca, procura, problema”. Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/pergunta/pesquisa-72/>>

¹⁰ Disponível em: <<https://www.significados.com.br/metodologia/>>

Por isso, concordo que a escolha da metodologia seja uma das fases mais importantes de uma pesquisa, pois é neste momento que o pesquisador delimita todo o caminho que será percorrido a fim de encontrar as respostas para suas inquietações. No entanto, é importante lembrar que os métodos escolhidos devem fazer sentido à pesquisa, pois somente assim, será possível obter êxito no trabalho e, provavelmente, alcançar resultados mais consistentes.

Esta pesquisa foi realizada em 4 etapas: 1. Levantamento do material bibliográfico; 2. Planejamento da pesquisa de campo: a) levantamento das informações sobre os participantes e sobre o contexto; b) planejamento de atividades de acordo com o plano da aula da disciplina; c) realização das atividades; d) organização dos dados das atividades. 3. Análise dos dados 4. Registro da pesquisa/escrita da dissertação.

No Quadro 3, a seguir, apresento uma síntese das etapas da pesquisa, de maneira organizada, clara e objetiva, a fim de possibilitar melhor interpretação e compreensão a respeito do caminho percorrido e da elaboração desta dissertação.

QUADRO 3 - Síntese das etapas da pesquisa

ETAPA 1	ETAPA 2		ETAPA 3	ETAPA 4
Levantamento do material bibliográfico	Planejamento da pesquisa de campo	Levantamento das informações sobre os participantes e o contexto	Análise dos dados	Registro da pesquisa/ escrita da dissertação
		Planejamento de atividades de acordo com o plano da aula da disciplina		
		Realização das atividades		
		Organização dos dados das atividades		

Fonte: a pesquisadora.

No decorrer deste capítulo, faço a apresentação e a descrição da pesquisa, considerando o tipo, o contexto, as(os) participantes, os instrumentos, o tipo de análise e a descrição e caracterização das atividades realizadas.

2.1. A pesquisa qualitativa e a interpretação

A pesquisa realizada se caracteriza como uma pesquisa qualitativa interpretativista, pautada nas relações entre sujeito e objeto, ou seja, consideram-se os fenômenos sociais e as relações entre sujeito, objeto e ambiente. Este tipo de pesquisa se justifica especialmente pelo caráter subjetivo das experiências e interdependente entre sujeito e objeto de conhecimento e suas relações; é a interação entre a(o) pesquisadora(o) e o objeto; é um tipo que busca descrições ou informações detalhadas dos fenômenos e comportamentos observados no campo da pesquisa, seja por meio de documentos, registros ou experiências/vivências.

Denzin (2018, p. 106), a respeito da abordagem qualitativa, pontua que “há a necessidade de desestabilizar os conceitos tradicionais do que conta como pesquisa, como evidência, como investigação legítima.” Sob essa perspectiva, ousou dizer que minha pesquisa rompe com os conceitos tradicionais de pesquisa, pois faço uma análise da percepção das(os) participantes, algo que pode ser considerado subjetivo, mas também não deixo de colocar as minhas impressões ao longo de todo o texto. O tema dessa pesquisa vem trazendo apontamentos relacionados às questões contemporâneas, da atualidade, pensamentos complexos que levam em consideração o paradigma emergente para o contexto de ensino.

Além disso, é a partir do momento que se propõe a desestabilizar algo, que acontece a produção do conhecimento. Damo-nos conta de que nada está “pronto e acabado”, é preciso construir e desconstruir para reconstruir, considerar a qualidade das informações, elas são a “cereja do bolo”, peça fundamental para uma pesquisa.

Na pesquisa qualitativa, há uma mistura de procedimentos. É uma pesquisa de cunho indutivo, não testa hipóteses e exige um olhar aprofundado do contexto pesquisado. Muito pertinente a este estudo, a pesquisa qualitativa interpretativista possui uma característica que vai além do que é previsível ou informativo, de fato ela se expressa a partir dos conceitos dos fatos e dessa compreensão indutiva e interpretativista que são atribuídas aos dados (LUDKE; ANDRE, 2014).

São muitas as variáveis oriundas das informações e o pesquisador recorre a um processo de persuasão feito por meio da argumentação para facilitar e reunir elementos suficientes para chegar, intuitiva e racionalmente, a uma conclusão aceitável.

Considera-se interpretativista especialmente pelo fato de estar diretamente vinculadas às experiências e vivências, entendidas como fenômenos sociais. A partir do momento que levamos em consideração os significados atribuídos às experiências do mundo social, estamos interpretando um fenômeno de acordo com os sentidos que eles têm em nossas vivências.

A escolha da abordagem qualitativa, que tem como foco a interpretação, permite que o trabalho tenha características de qualidade e excelência, e exprimem resistência frente às realidades que nos são impostas. A posição de Denzin (2018, p. 107) ilustra bem essa proposta,

A reputação, a quantidade de citações e os escores de impacto dos pesquisadores não são indicadores aceitáveis de qualidade. Esses não deveriam ser os critérios que usamos para julgar nosso trabalho, ou um ao outro. Não se deveria permitir que esses critérios moldem o que fazemos. [...] devemos criar nossos próprios padrões de avaliação, nossas próprias medidas de qualidade, influência, excelência, e impacto de justiça social. Estes são critérios morais. Eles celebram resistência, experimentação e empoderamento.

Assim, com base na afirmação do autor, reconheço que, além de tudo, as pesquisas devem servir aos interesses sociais. É extremamente relevante que esta pesquisa tenha uma função social, que ela seja para melhorar a vida em sociedade, na busca da redução das desigualdades e que por meio dela, professoras(es) sejam inspiradas(os) a buscar novas possibilidades de ensino e aprendizagem. Eu realmente acredito que ela seja, pois trago observações acerca de experiências para a construção e transformação dos sujeitos e das(os) professoras(es) em formação.

Por esse motivo, escolhi realizar esta pesquisa na abordagem qualitativa interpretativista, por considerar em minhas análises as experiências e percepções dos participantes, entendendo que cada um percebe determinada realidade de acordo com as suas ações com o ambiente. Além disso, porque eu fiz parte de todo o processo das experiências e fundamentei os resultados contrapondo ou corroborando teorias de outros autores a partir do olhar que tive sobre o olhar do outro.

2.2. Conhecendo o cenário

Conhecer o contexto onde dado fenômeno acontece é importante para que se consiga visualizá-lo e contemplá-lo. Por isso, quando a metodologia de uma pesquisa é apresentada, um ponto crucial é o contexto da pesquisa que envolve o tempo, o espaço e o local onde foi realizada. O contexto desta pesquisa foi o curso de Letras de uma universidade pública do interior de Goiás, em 2019 e 2020.

Para desenvolver a pesquisa de campo, estabelecer o vínculo com as(os) participantes, escolhi a disciplina de “Diversidade, Cidadania e Direitos”, ofertada no 2o. semestre de 2019. Esta disciplina faz parte do quadro de disciplinas de Núcleo Comum, conforme a estrutura curricular da universidade e é ofertada em todos os cursos da universidade (FREITAS, 2019).

A disciplina abrange diversos assuntos, visando analisar e refletir, em uma perspectiva crítica, as demandas recorrentes no âmbito dos direitos humanos e, como tal categoria, constitui fator primordial no contexto do respeito à diversidade, em todas as suas formas e variáveis e à efetivação da cidadania.

A escolha desta disciplina se deu devido a minha atuação no projeto de pesquisa “Multiletramentos na formação de professores: questões emergentes da contemporaneidade”, como bolsista de Iniciação Científica em 2018 e como estagiária docente, no ano de 2019. Desta forma, as atividades desenvolvidas nas duas turmas foram consideradas nesta pesquisa, pois os alunos das duas turmas ainda são alunas(os) do curso em 2020 e foram consideradas(os) participantes desta pesquisa. Reitero que a pesquisa não foi sobre a disciplina e sim sobre a formação inicial das(os) professoras(es) de línguas, considerando as práticas de letramento ao longo do curso.

As plataformas digitais utilizadas nas atividades e para a coleta dos dados, considerados nesta pesquisa foram o *Mentimeter*, a *Plickers*, o *Padlet*, o *WhatsApp*, o *Instagram* e o *YouTube* que estão descritas a seguir, quando apresentadas as atividades e os instrumentos de pesquisa. Na descrição, poderão ser encontrados alguns *QR-codes*¹¹ para ter acesso às plataformas. Considerei a descrição destas plataformas importante, pois possibilita compreender melhor a ação de cada participante, seja nas postagens ou nos relatos.

¹¹ Abreviação de Quick Response Code (Código de Resposta Rápida), este sistema é um código em 2D, utilizado para ter acesso rápido a sites, textos, números, etc. (Disponível em: <<https://canaltech.com.br/produtos/O-que-e-QR-code/>>)

A proposta foi trabalhar os diversos temas associados à disciplina, por meio de experiências multimodais com as plataformas, especialmente pelo caráter digital. As atividades contemplaram reflexões acerca dos multiletramentos, além de ter proporcionado experiências com diferentes plataformas digitais.

No entanto, ressalto que, embora o estudo das plataformas como recursos educacionais seja importante, o foco desta pesquisa não foi o estudo da ferramenta e sim da linguagem produzida, construída e compartilhada pelas(os) professoras(es) de línguas em formação por meio de cada uma dessas plataformas.

2.3. Os Participantes da pesquisa

A definição das(os) participantes envolvidas(os) em uma pesquisa é importante, pois é necessário conhecer e reconhecer os sujeitos como peça principal para efetivação do processo, uma vez que trazem imagens sociais; nos provocam a reflexão sobre as nossas perguntas e inquietações, pois são constituídos por identidades, valores, costumes e culturas diversas, que são fatores cruciais para analisar as experiências.

Assim, as(os) participantes da pesquisa foram alunas e alunos da graduação do curso de Letras, de dupla licenciatura, Português, Inglês e suas respectivas literaturas, matriculados em 2020, com idade entre 20 e 49 anos, em diferentes períodos do curso. Houve uma conversa prévia com as(os) participantes, na qual questionei a disponibilidade delas(es) em colaborar com minha pesquisa e ficamos acordados de que nenhuma identidade seria revelada. Então, contei com 22 participantes, as(os) quais serão apresentadas(os) mais adiante, somente pela inicial do próprio nome.

2.4. Os instrumentos de pesquisa

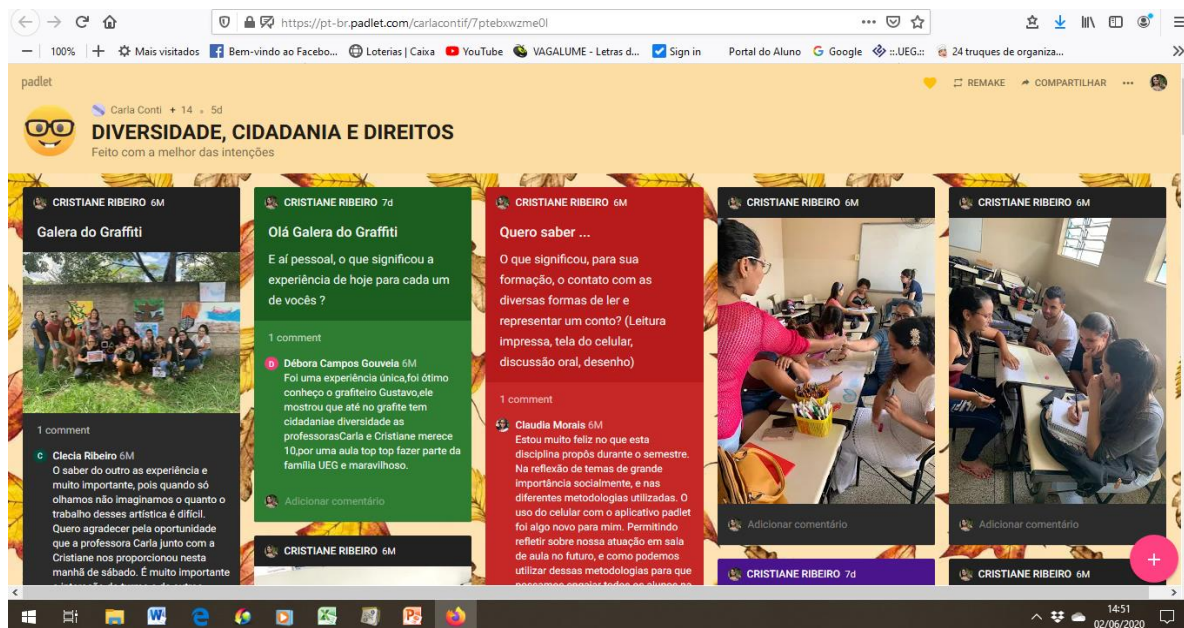
Para a realização da pesquisa, considerei dois instrumentos para coleta das informações: (i) as postagens na plataforma *Padlet*, e (ii) as interações via *whatsapp*.

O *Padlet* é um site que permite interação e colaboração entre os usuários, fornecendo textos, fotos, links e outros conteúdos. Cada espaço colaborativo é chamado de "mural", podendo ser usado como um quadro de avisos particular, como pode ser conferido por meio do *QR-code* ao lado. Existe também a versão dele como aplicativo para



dispositivos móveis, ambos permitem que os usuários expressem seus pensamentos sobre qualquer tema, de maneira muito fácil, pois é um aplicativo interativo e colaborativo, que permite a criação de murais *online*, onde seus usuários podem postar diversos conteúdos, considerando a multimodalidade. A Figura 1 a seguir, ilustra a página inicial do *Padlet* construído e utilizado pelos participantes da pesquisa.

FIGURA 1: Página inicial do *Padlet*



Fonte: acervo da pesquisadora.

De acordo com Tavares e Freitas (2018), este mural possui funcionalidades que possibilitam o envolvimento com a diversidade de textos digitais e com diferentes formas de apresentação, bem como promove a interação e a colaboração entre pessoas que se encontram próximas ou distantes. Pode ser um arquivo pessoal ou um quadro colaborativo, no qual seu usuário criador pode habilitar outros participantes para administrarem o aplicativo em conjunto. Dessa forma, suas principais características são dinamicidade, flexibilidade e colaboratividade (TAVARES; FREITAS, 2018).

O *Padlet* foi instrumento de coleta de dados para pesquisa e se constituiu em uma novidade para muitos, pois é um mural eletrônico, interativo e colaborativo. As postagens foram realizadas pelas(os) participantes após o desenvolvimento de cada atividade e/ou a partir da interação entre pesquisadora e participantes e entre as(os) participantes, explorando as diferentes formas permitidas pela plataforma, por exemplo, enquetes, fotos, vídeos, entre outros.

Minha interação foi como professora pesquisadora e mediadora das atividades, não me coloco como pesquisadora participante, não faço uma autoanálise específica; no entanto, ao final da escrita deste trabalho, retomo minha linha de pensamento destacada na introdução e apresento minhas transformações, enquanto sujeito transformador, pois me sinto altamente tocada com as experiências vividas e inspirada cada dia mais.

O segundo instrumento utilizado para coleta dos dados foi o *Whatsapp* que é muito conhecido por todos nós, por isso, a ideia de considerá-lo como instrumento de pesquisa. O *WhatsApp* é um aplicativo multiplataforma de mensagens instantâneas e chamadas de voz para *smartphones*. É considerado multiplataforma devido à sua capacidade de funcionar em diferentes plataformas (computadores, smartphones, tablets). Por meio dele, os usuários conseguem enviar mensagens de texto, áudios, imagens, vídeos e documentos de texto (em diversos formatos), além de possibilitar ligações (sem utilizar os créditos) somente com uma conexão com a *internet*.

O *Whatsapp* foi utilizado para comunicação entre mim e os participantes para tratar (i) de assuntos referentes à realização das atividades; (ii) comentários das(os) participantes sobre a participação nas atividades; (iii) comentários sobre a experiência com multiletramentos ao longo do curso e (iv) compartilhamentos dos registros fotográficos das atividades.

2.5 A análise de conteúdo

Embora a análise de conteúdo, doravante AC, tenha sido desenvolvida por estudiosos da área da linguagem, ela traz em sua origem raízes filosóficas e psicológicas e por muito tempo foi questionada e até rejeitada, pelo fato de inicialmente, apoiada em teorias norte-americanas, seguir os princípios positivistas, os quais consideravam nas pesquisas, medidas, objetividade, neutralidade e

quantificação, resultando em produtos fragmentados e carentes de significação social (FRANCO, 2018).

No entanto, com o aprofundamento nos estudos, viu-se a possibilidade de seguir também os postulados da subjetividade. De acordo com Franco, (2018. p.10),

São perfeitamente possíveis e necessários o conhecimento e a utilização da análise de conteúdo, enquanto procedimento de pesquisa, no âmbito de uma abordagem metodológica crítica e epistemologicamente apoiada numa concepção de ciência que reconhece o papel ativo do sujeito na produção do conhecimento.

Por isso, a AC não é somente objetividade, pois leva em consideração as questões qualitativas e sistematizadas, a fim de garantir maior credibilidade e prestígio a essa técnica. Sendo assim, a AC é considerada um conjunto de técnicas de análise, que analisam especificamente as comunicações e para isso utilizam procedimentos sistemáticos de descrição de conteúdo presente nas mensagens.

A comunicação depende de dois tipos de processo – produção da mensagem e recepção da mensagem. A finalidade da AC é inferir conhecimentos relacionados às condições de produção e de recepção da mensagem, ou seja, o que há por trás de cada um desses processos.

Para atingir este patamar de segundo plano, busca-se as variáveis inferidas que se encontram em algum ponto entre significante e significado. (significante = expressão / significado = conteúdo semântico) e as variáveis se encontram inferidas neste caminho. Nas variáveis podem surgir significados de ordem cultural, linguística, psicológica, sociológica, política, histórica, entre outros.

Então, para a análise nesta pesquisa, considere os pressupostos da análise de conteúdo, apropriada para estudos qualitativos como este, que apresenta “como ponto de partida a mensagem” (FRANCO, 2018, p. 13), isto é, a análise de conteúdo considera os diferentes tipos de mensagem e seu contexto, e ainda mais, “a análise de conteúdo requer que as descobertas tenham relevância teórica” (FRANCO, 2018, p. 16).

Após ter sido organizado o material empírico, preparei, enfim, os conteúdos que foram analisados. Este é um momento criterioso, pois a interpretação e inferência em categorias de análise demandam um olhar cuidadoso sobre cada detalhe expresso pelos participantes.

Então, considere como conteúdo toda forma de interação que houve no *Padlet* e no *Whatsapp*: relatos, postagens (escritas ou imagens) comentários, pois, como ainda afirma Franco (2018, p. 49).

Da mesma forma que acontece com o conteúdo latente, podem existir temas não explicitamente mencionados, mas subjacentes às mensagens, passíveis de observação por parte do investigador e cuja frequência de ocorrência passa a ser, também, um elemento indispensável para que se possa efetuar uma análise mais consistente e uma interpretação mais significativa.

Por isso, para que exista essa significação na análise, é importante definir as categorias/temas de análise que para este trabalho foram “percepção” e “experiência”. A partir daí, considerar com criteriosidade todos os detalhes dos conteúdos, pois, “a categorização é uma operação de classificação de elementos constitutivos de um conjunto, por diferenciação seguida de um reagrupamento baseado em analogias, a partir de critérios definidos” (FRANCO, 2018, p. 51).

Escolhi a AC para esta pesquisa pelo fato de ser uma técnica presente na área da Linguística aplicada, deixando claro aqui que o meu foco está na construção de sentidos, embora este tipo de análise também nos dê a ideia de que estamos em um processo sistemático ou centrado na mensagem, como na teoria da comunicação. Como a escolha dos instrumentos se deu pelo caráter multimodal de ambos e estamos falando em formação inicial de professoras(es) sob a perspectiva dos multiletramentos, a análise de conteúdo nos possibilita perceber, descrever e interpretar o material empírico qualitativamente.

2.6. Descrição das atividades

As atividades nas e com as plataformas digitais, consideradas para esta pesquisa, foram embasadas pelos pressupostos dos multiletramentos, ou seja, foram consideradas as várias formas de texto para a leitura e a interpretação dos temas e conteúdo das aulas. As aulas não foram descritas na íntegra. Farei a descrição das cinco atividades consideradas para esta pesquisa, realizadas em diferentes momentos da referida disciplina e que foram denominadas como (i) Problematizando

a diversidade; (ii) Prova objetiva online?; (iii) Onde nasce o racismo?; (iv) Arte e raças; e (v) *Rock “n” Roll*.

Em termos temáticos, os resultados das discussões promovidas nestas atividades foram relevantes justamente para enquadrar este trabalho no rol de pesquisas que atendem aos interesses sociais, pois foi por meio das várias práticas de linguagem que realizamos reflexões sobre nosso papel na sociedade. Fui capaz de motivar pessoas, futuros professores e professoras, a refletirem como é o mundo lá fora (sociedade) e como este influencia o mundo aqui dentro (escola), e mais ainda, entender que não são mundos estanques e distintos, um complementa o outro e estão imbricados/interligados dia após dia.

Desta forma, a descrição de cada atividade tem o objetivo de destacar a relação, a interação e a experiência das(os) professoras(es) em formação com as diferentes plataformas que exigem formas de linguagens e interações que nos interessam nas análises. Embora a descrição das atividades e plataformas consideradas na pesquisa seja relevante e possa motivar novas práticas de multiletramentos, o meu olhar está na(o) professora(o) em formação.

Problematizando a Diversidade

A atividade denominada “Problematizando a Diversidade” foi um *warm-up* para iniciar o primeiro dia de aula da disciplina. Utilizei como recurso a plataforma *Plickers* que é uma plataforma digital, que também possui um aplicativo, que permite às(aos) professoras(es) coletar dados de avaliação formativa em tempo real sem a necessidade de dispositivos digitais para os estudantes. A ferramenta permite verificações rápidas de compreensão para que as(os) professoras(es) possam saber se suas(seus) alunas(os) estão compreendendo conceitos e dominando habilidades-chave. Além disso, ela gera e salva automaticamente o desempenho individual das(os) alunas(os), criando gráficos e dados.

Então, a *Plickers* pode ser encontrada tanto na versão *web* como na versão de aplicativo e pode ser utilizada gratuitamente, com algumas limitações, ou os pacotes *premiums*. É muito interessante essa função de verificação do desempenho da turma ou de cada aluna(o), individualmente, em tempo real, pois isso facilita a identificação das dificuldades, tendências e estratégias de ensino. Além disso, promove a

participação ativa das(os) alunas(os) no processo, pois quando informam suas respostas, já ficam sabendo na mesma hora como foi o seu desempenho.

Essa atividade apresentou uma proposta ressignificada da plataforma, diferente de sua aplicabilidade real, pois “tal apropriação considera-se uma prática de letramento (STREET, 2012), entendida como o movimento realizado em determinado grupo social a partir de diversas experiências e possibilidades de leitura” (MAGALHÃES; FREITAS, 2019, p. 48).

Na proposta, a plataforma foi entendida como uma ferramenta para atividade de *warm-up* de uma aula e introdução de conceitos, por exemplo. As respostas foram comentadas e cada uma(um) concordou ou discordou, contou um fato relacionado, enfim, as(os) participantes expuseram suas opiniões. A proposta de ressignificação da plataforma é muito interessante, pois demonstra habilidade e capacidade de percepção das várias formas de linguagem e possibilidades que uma plataforma, rede social, site ou aplicativo podem ter quando considerados como constituintes dos modos de vida atuais.

Ressignificar uma plataforma é ir além do que ela lhe oferece, é ter um olhar crítico e reflexivo, despido de práticas situadas e tradicionalistas, que muitas vezes acabam “mecanizando” o processo da formação de professores de línguas.

As perguntas utilizadas nesta atividade foram construídas considerando significado de cada uma no dicionário e as respostas do tipo múltipla escolha.

QUADRO 4: Perguntas criadas para *warm-up* da aula.

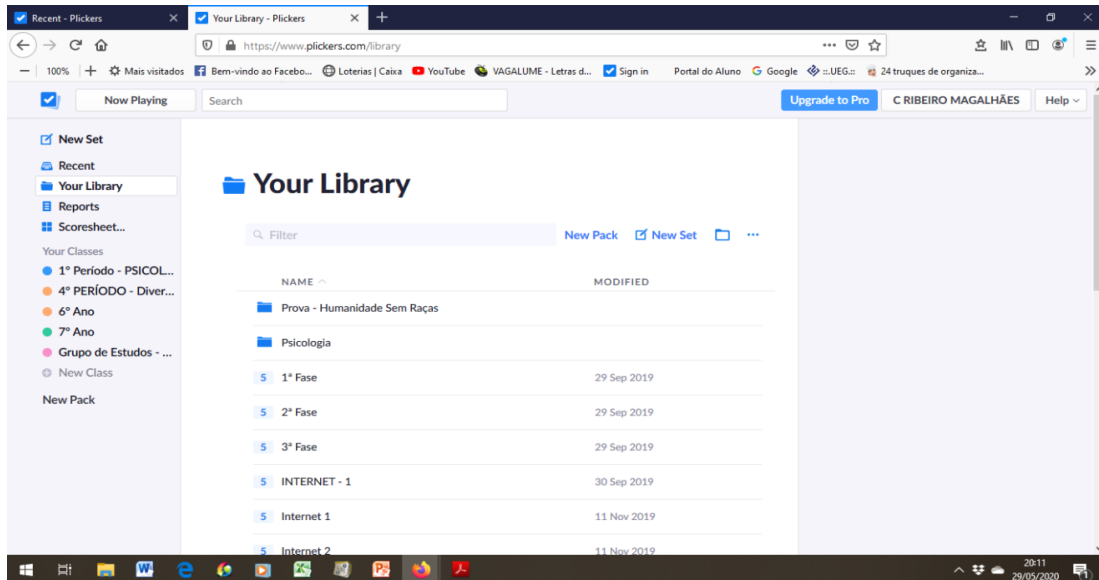
- | |
|---|
| <ol style="list-style-type: none"> 1. Qual o conceito da palavra “Diversidade”? <ol style="list-style-type: none"> a) Características, aspectos ou tipos que apresentam argumentos similares. b) Qualidade daquilo que é uniforme; comunidade que apresenta conexões nos argumentos. c) Característica ou estado do que é diverso; Pluralidade, multiplicidade; reunião do que contém vários e distintos aspectos, características ou tipos. d) Capacidade que não demonstra oposição; está sempre em concordância com aspectos físicos e psicológicos. 2. Qual o conceito da palavra “Cultura”? <ol style="list-style-type: none"> a) Conjunto dos hábitos sociais e religiosos, das manifestações intelectuais e artísticas, que caracteriza uma sociedade. b) Ação, efeito ou modo usado para tratar a terra ou as plantas. c) Criação de certos animais. d) Descartar crenças e valores de um povo para considerar sua constituição enquanto sujeitos. 3. Qual o conceito da palavra “Cidadania”? <ol style="list-style-type: none"> a) Exercício dos deveres de um grupo para uma comunidade específica. b) Descumprimento de regras dentro da sociedade. c) Condição de quem não possui direitos civis, políticos e sociais. |
|---|

- d) Condição de quem possui direitos civis, políticos e sociais, que garante a participação na vida política.
4. Qual o conceito da palavra "Gênero"?
- Diferença entre homens e mulheres que, construída socialmente, pode variar segundo a cultura, determinando o papel social atribuído ao homem e à mulher e às suas identidades sexuais.
 - Conceito que agrega em si todas as particularidades e características que um grupo, têm em comum.
 - Perceber quem é o outro na sociedade.
 - Perceber quem é o outro na sociedade.
5. Qual o conceito da palavra "Feminicídio"?
- Assassinato proposital de homens por mulheres.
 - Crime de ódio contra indivíduos do sexo feminino, definido também por agressões verbais, físicas e psicológicas.
 - Extermínio de uma raça com a maioria das pessoas do sexo feminino.
 - Luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres.
6. Qual o conceito da palavra "Homofobia"?
- Aceitação às comunidades LGBTs.
 - Reconhecer determinado grupo por suas práticas.
 - Repulsão aos homossexuais, geralmente, demonstrado através de violência física e/ou verbal.
 - Repulsão aos heterossexuais dentro de um grupo social.
7. Qual o conceito da palavra "Machismo"?
- Característica ou comportamento sensível.
 - Opinião ou atitudes que discriminam ou recusam a ideia de igualdade dos direitos entre homens e mulheres.
 - Atitudes que aceitam homens e mulheres com igualdades.
 - Direitos e deveres similares para homens e mulheres.
8. Qual o conceito da palavra "Preconceito"?
- Comportamento que demonstra afeição.
 - Opinião ou pensamento acerca de algo ou de alguém, construída a partir de análises sem fundamento, conhecimento nem reflexão.
 - Opinião ou pensamento acerca de algo ou de alguém, construída a partir de análises teóricas fundamentadas.
 - Compreender a vontade do outro.
9. Qual o conceito da palavra "Raça"?
- Grupo de indivíduos cujos caracteres biológicos mudam de uma geração para outra.
 - Categorização que pretende classificar os seres humanos, pautando-se em caracteres físicos e hereditários.
 - Ideia distinta sobre a cor de pele das pessoas de um grupo.
 - Diferença entre seus ascendentes e descendentes.
10. Qual o conceito da palavra "Sustentabilidade"?
- Conservar tudo aquilo que é necessário para sua própria vida, sem pensar no outro.
 - Diante dos aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais, busca suprir as necessidades do presente sem afetar as gerações futuras.
 - Capacidade de se auto sustentar.
 - Sustentar com facilidade um grupo específico.

Fonte: a pesquisadora.

O primeiro passo foi me cadastrar na plataforma, criar a atividade, cadastrar as(os) alunas(os) na sala virtual e baixar o aplicativo em meu celular. Na figura 2, temos a página inicial da plataforma.

FIGURA 2 - Página inicial da *Plickers* após *login*.



Fonte: acervo da pesquisadora.

A plataforma disponibiliza um arquivo com *QR-codes* enumerados, para que possamos fazer *download* e imprimir. Cada aluna(o) recebeu um *QR-code* para que pudessem responder as perguntas que eram feitas. No caso desta atividade, as perguntas abordavam os conceitos de palavras-chave que seriam trabalhadas ao longo da disciplina que foram projetadas por mim, pois estava com acesso à plataforma.

Eu selecionava a pergunta pelo aplicativo e logo ela aparecia para as(os) alunas(os). Elas(eles) tinham um tempo para ler e responder a pergunta e utilizando o cartão em mãos, escolhiam uma opção de resposta.

FIGURA 3 – Cartões impressos com QR-codes.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Após esse tempo, eu passava pela sala fazendo a leitura dos cartões com meu celular, enquanto isso aparecia na tela o nome das(os) alunos dos cartões lidos, mesmo com a câmera de *scanner* ligada, aparece do lado da tela a lista com os nomes de cada uma(um), se ele acertar, o aplicativo me mostra o nome com a cor verde, se errar, com a cor vermelha.

FIGURA 4 - Momento da Atividade Problematizando a Diversidade



Fonte: acervo da pesquisadora.

Quando cada aluna(o) mostrava a resposta com o cartão, eu, com o meu celular, já conseguia ver, na hora, se ela(ele) havia acertado a resposta ou não. Ao finalizar cada questão, eu abria um gráfico da porcentagem de erros e acertos, antes da verificação da resposta. Por fim, verificamos a resposta correta de cada pergunta, já definida por mim quando criei a atividade e assim promovemos as discussões a respeito dos conceitos.

Os resultados das discussões foram pertinentes ao trabalho, em termos temáticos, pois foram instigantes para o desenvolvimento do pensamento crítico das(os) professoras(es) em formação, levando-os a repensar até mesmo seus papéis em sociedade, ou ainda, como estes assuntos vêm sendo abordados em nossa sociedade.

Prova Objetiva online?

A atividade “Prova Objetiva online?” consistiu na aplicação da prova da disciplina por meio da plataforma digital *Plickers*, desta vez em sua função original, avaliação formativa em tempo real. As(Os) participantes receberam os seus respectivos cartões com *QR-code* e as instruções de como seria a prova.

As perguntas eram lançadas e as(os) alunos não podiam consultar o colega ou material e tinham até 8 minutos para responderem a questão apresentada. As questões eram de múltipla escolha e de julgamento (verdadeiro ou falso). Ao final da prova, o boletim de desempenho foi acessado e disponibilizado pela plataforma e as(os) alunas(os) já receberam suas notas da avaliação.

Foram criadas cinco perguntas desenvolvidas a partir das discussões promovidas em sala e a partir do estudo do Livro “Humanidade sem Raças - Sérgio Pena”. A seguir, no quadro 5, apresento as questões da prova.

QUADRO 5: Perguntas referentes à prova online.

PROVA OBJETIVA ONLINE
<p>1. Com base na leitura do Livro “Humanidade sem raças?” de Sérgio Pena e da resenha de Júlia Marssola, pode-se afirmar que:</p> <p>I. Lutamos para fugir dos rótulos.</p> <p>II. Não contribuímos para manter os rótulos da sociedade.</p> <p>III. Contribuímos para a manutenção</p> <p>a) Apenas I está correta.</p> <p>b) Apenas I e III são corretas.</p> <p>c) I, II e III estão corretas</p>

- d) N.D.A
2. Com base no texto e na temática discutida em sala, conclui-se que é da natureza humana:
- I. Juízos estéticos
 - II. Juízos morais
 - III. Julgamentos estilísticos
 - IV. Julgamentos globais
- É correto o que se afirma em:
- a) Alternativa I.
 - b) Alternativas II e III.
 - c) Alternativas I, II e III.
 - d) Todas as alternativas estão corretas.
3. A partir da situação problema descrita por Sérgio Pena pode-se compreender melhor o(s) conceito(s) de:
- I. Racismo
 - II. Xenofobia
 - III. Ódio étnico
 - IV. Intolerância religiosa
- a) Apenas I e II.
 - b) Apenas II e IV.
 - c) Apenas II, III e IV.
 - d) Todas as alternativas estão corretas.
4. Quais são os critérios de classificação humana apontado por Sérgio Pena?
- I. Modelo racial
 - II. Modelo populacional
 - III. Modelo genômico/individual
 - IV. Modelo radical
- Julgue a afirmativa correta:
- a) Apenas II.
 - b) Apenas III.
 - c) Apenas I, II e III.
 - d) N.D.A
5. Sérgio Pena faz alusões históricas, remetendo a filósofos que também defenderam a ideologia racista. Marque a alternativa incorreta:
- a) Voltaire
 - b) Montesquieu
 - c) Martin Luther King
 - d) Blumenbach

Fonte: a pesquisadora.

Pouco considerada e muito questionada em cursos de formação de professores, na modalidade presencial, a prova objetiva foi considerada importante oportunidade para discussão, entre nós, professora pesquisadora e as(os) futuras(os) professoras(es), sobre este tipo de prova comumente encontrados em concursos e na avaliação de cursos. O Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade), por exemplo, obrigatório nos cursos de graduação a fim de avaliar o rendimento das(os) alunas(os), em relação aos conteúdos programáticos propostos pelas diretrizes curriculares dos cursos, bem como o desenvolvimento de competências e habilidades

necessárias à formação. É um tipo de prova objetiva que, se ao longo da formação as(os) alunas(os) não tiverem experienciado, terão dificuldades de compreensão e execução, no momento em que forem submetidos a exames com provas de caráter objetivo.

Onde nasce o Racismo?

Para a atividade denominada “Onde nasce o Racismo?”, utilizei o *Mentimeter* que é um aplicativo bastante interativo, usado para realizar apresentações com *feedback* em tempo real, capaz de possibilitar a criação de apresentação e reuniões interativas, de qualquer lugar no mundo. A partir dele é possível obter informações em tempo real de equipes remotas e alunos *online*, com pesquisas ao vivo, questionários, nuvens de palavras, perguntas e respostas, entre outras funções.



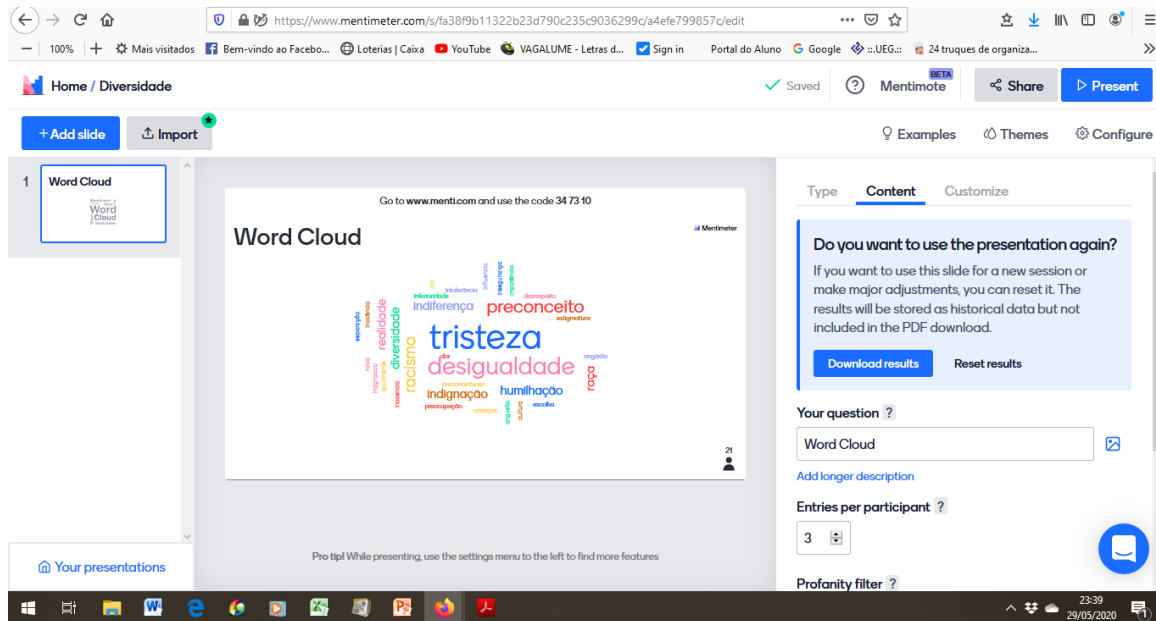
Para a realização da atividade, criei uma conta na plataforma, utilizando o meu computador e montei a atividade. Em seguida, as(os) alunas(os) fizeram o *download* do aplicativo em seus *smartphones*. Ao iniciar a atividade, foi disponibilizado um código de acesso.

A segunda parte consistiu na leitura/visualização de um vídeo, a partir do *YouTube* que é uma plataforma de compartilhamento de vídeos, bastante conhecida por hospedar uma grande variedade de filmes e vídeos, profissionais ou amadores, além de possuir alguns serviços especiais na versão *premium* e também aplicativos.

O vídeo intitulado “Dolltest” (*QR-code*) abordava a temática do racismo e descrevia um teste psicológico feito com crianças nos EUA para testar o grau de marginalização sentida por crianças afro-americanas causada por preconceito, discriminação e segregação racial. Após a leitura do vídeo, foi feita uma discussão promovida a partir da “nuvem de palavras” criada no *Mentimeter*.



Cada aluna(o) escreveu na plataforma uma palavra que resumisse as suas impressões após a leitura do vídeo e assim a nuvem se formava e os conceitos eram discutidos, relacionando-os aos temas da disciplina. Esta atividade possibilitou interação e colaboração entre toda a turma.

FIGURA 5 - Página do *Mentimeter* com a “nuvem” criada

Fonte: acervo da pesquisadora.

Arte e Raças

A atividade “Arte e Raças” foi dividida em 4 momentos.

No primeiro momento, cada grupo de alunos escolheu e leu um conto, do livro de Mia Couto - Cada Homem é uma raça (QR-code). Os alunos possuíam o livro em um arquivo de PDF, nos seus smartphones. Em seguida, fizemos a socialização dos contos e discutimos as mensagens que cada conto abordava.

No segundo momento, assistimos a um vídeo, pelo *YouTube*, chamado “Grafite, uma história” (QR-code). O vídeo permite várias leituras, tanto pelas imagens, quanto pela ação ou pelo som de fundo. Logo após fiz uma pequena explanação sobre o que é o Grafite e um pouco da história, por meio de apresentação, utilizando *Powerpoint*. Discutimos como o Grafite se relaciona com temas da disciplina, por ser uma arte marginalizada, mas que é de grande relevância social.

No terceiro momento, as(os) alunas(os) em grupos receberam uma cartolina, para que pudessem voltar ao conto lido e identificar quais as figuras (representações,



características) eram possíveis serem vistas nos contos escolhidos, os quais faziam relação com os temas trabalhados (preconceito, racismo, violência, etc.). Este foi o momento de fazerem um “grafite” utilizando lápis, lápis de cor, caneta e papel.

FIGURA 6 - Momento dos desenhos em cartolinas

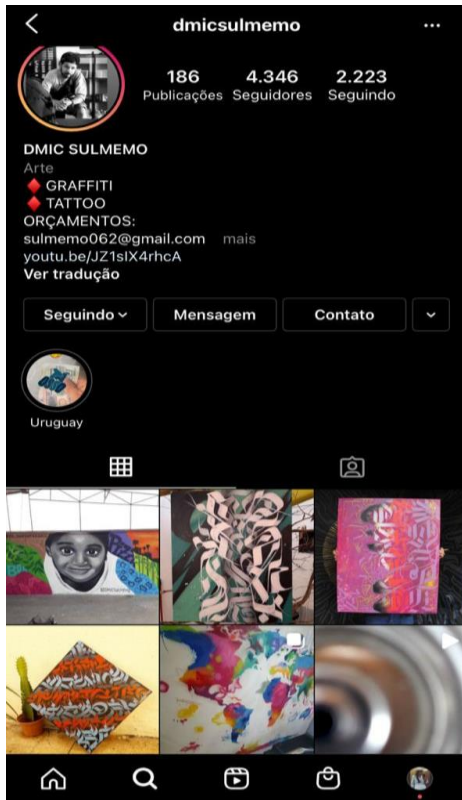


Fonte: acervo da pesquisadora

Para o quarto e último momento, convidei um Grafiteiro profissional, para ministrar uma oficina de Grafite para a turma. Nesse dia, cada grupo tinha uma tela em mãos, para materializarem seus Grafites, com tinta de grafiteiro (*spray*). Ele falou sobre a arte do Grafite e o que ela representa em sua vida. Durante a atividade o convidado falou sobre sua arte, além de puramente artística, profissional, e indicou a sua página de trabalhos no *Instagram* para que nós pudéssemos conhecer melhor suas obras de arte.

O *Instagram* é uma rede social online de compartilhamento de fotos e vídeos entre os usuários, permite aplicar filtros digitais, gravar *stories*, transmitir *lives* e ainda, sincronizar e compartilhá-los em uma variedade de serviços de redes sociais, como *Facebook* e *Twitter*. Dessa forma, o *Instagram* é muito utilizado como forma de entretenimento, mas dessa vez, houve uma ressignificação da rede, ele passou a ser vista pelos alunos como uma fonte de informação e conhecimento e de várias possibilidades de leitura.

FIGURA 7: Print da página inicial do Instagram do Grafiteiro convidado.



Fonte: acervo da pesquisadora.

Para finalizar, ele ensinou algumas técnicas do Grafite e auxiliou os grupos a pintarem suas telas.

FIGURA 8 - Momentos da Oficina de Grafite



Fonte: acervo da pesquisadora.

Música: Rock “n” Roll

Nesta atividade, foi apresentado um vídeo intitulado “Nando Reis - Rock “n” Roll”, um clipe de Nando Reis cantando enquanto a letra da música aparece com efeitos de animação, que chamam a atenção do leitor para a leitura da música enquanto escutam o som.



O vídeo abordou os temas da disciplina e possibilitou as discussões pertinentes ao tema da aula: cultura, gênero, raça e desigualdades sociais. A seguir, no quadro 6 apresento a letra da música trabalhada.

QUADRO 6: Letra da música de Nando Reis.

Rock 'n' Roll**Nando Reis**

Em algum momento virou o tempo um deslizamento derramou cimento entre a loucura e a razão Já não há silêncio Tudo é barulhento Muito movimento Pouco pensamento Sobra opinião Todos similares Carregam nas mãos seus celulares Rostos singulares Se tornam vulgares Em meio a multidão Mas eu ainda canto o meu rock 'n' roll Eu ainda canto o meu rock 'n' roll Detritos nos mares Nos rios nos lagos Todos infestados Com enxofre, chumbo e ácido O imundo Licor Preto Garrafas pet Cápsulas de Nespresso Como espectros Durante séculos Vagarão boiando pelos oceanos Seus esqueletos Não há nenhum ninho Na Grande Ilha de Lixo do Pacífico Como um urso-polar flutuando Num bloco de gelo A beira da extinção	Senadores, corruptores Grandes trocas de favores Na maior hipocrisia e desfaçatez As transações tenebrosas Das obras portentosas Roubam somas vultosas Bocas gananciosas Esperando cada uma a sua vez É crime o aborto Mas não é o roubo De um bilhão Por um pacote de biscoitos Ele passou mais de 20 anos na prisão Mas ele ainda tem o seu rock 'n' roll Todos de vermelho Comungam de joelhos São fartos em conselhos Mas não olham pro espelho Evitando o constrangimento Da própria contradição Vaca amarela Guardou a panela E a camisa amarela Saiu da janela Onde foi parar aquela balela Da fúria e indignação? Não tenho as certezas	'Bandido bom, bandido morto' Parece um contrassenso o argumento que armamento é proteção Tudo é transgênico no alimento que comemos Mas negros, travestis e transgêneros São assassinados, humilhados E tratados com discriminação Com eles que eu canto esse rock 'n' roll Toda nudez é inocente Até que a mente indecente Dessa gente doente De língua maledicente Transforme a inocência Da nudez da gente Somente em perversão Se Deus fosse consultado Qual seria o resultado? Escolheria algum dos lados? Dos inimigos tresloucados Lunáticos, fanáticos Por suas crenças ou religião Uns crêem no Gênesis Outros na Teoria da Evolução Buscando sossego Ele lê os gregos Hesíodo e Platão Mas eu ainda tenho o meu rock 'n' roll Eu ainda tenho meu rock 'n' roll Na Primavera Me disse a vera □Eu vou, não me espera□ Abriu-se uma cratera
---	---	--

Eu ainda canto o meu rock 'n' roll	Dos hinos que grita a multidão	Onde havia terra
Conservadores e liberais	Mas finco a bandeira do arco-íris	Ela era a atmosfera
Usam as redes sociais	Viva a liberdade de expressão!	E o meu chão
Pra divulgar os seus boçais	Sertanejo, gospel, hip-hop, choro	E eu sonho com ela
Ideais medievais	Samba, funk e pagode, rap, rock 'n' roll	Eu preciso dela
Como se fossem Os Dez Novos Mandamentos	A polícia dos costumes	Sou louco por ela
Em presídios superlotados	Chafurdada no estrume	A vida sem ela
Homens trancafiados	Manipula o seu cardume	É incongruência, desolação
Sendo decapitados	Acendendo o vagalume	O mundo não é mais o mesmo
Seus corações arrancados	Aumentando o volume	Em que eu nasci
Já não causam mais nenhum Estranhamento	Da sirene odiosa da repressão	Mas eu continuo curando a tristeza
Perdeu seu emprego	Com uma mão na Bíblia outra no coldre	Com a beleza de uma canção
Quando revelaram seu segredo	Repetindo seu slogan	Por isso ainda canto o meu rock 'n' roll
Morrendo de medo foi crucificado	'Dente por dente, olho por olho'	roll
Com desprezo como traidor		Eu ainda canto o meu rock 'n' roll
Mas ele ainda tem o seu rock 'n' roll		Eu canto, eu canto o meu rock 'n' roll
Pastores e censores		roll
Delatores, promotores		Eu ainda canto, eu canto o meu rock 'n' roll

As atividades desenvolvidas, constando todos os recursos digitais e materiais utilizados, foram sintetizadas no quadro 7 a seguir.

QUADRO 7 - Síntese das atividades

ATIVIDADE	ETAPAS	MATERIAL	RECURSO DIGITAL
Problematizando a Diversidade	<p>Cadastro na plataforma (pesquisadora)</p> <p>Entrega de QR-codes aos alunos e explicação de como utilizar.</p> <p>Seleção da pergunta e resposta.</p> <p>Correção/discussão dos conceitos.</p>	Notebook / Smartphone / cartões com QR-codes / datashow	Plickers
Prova Objetiva on line?	<p>Receber QR-codes</p> <p>Selecionar as perguntas e responder</p> <p>Mostrar o boletim de desempenho e notas finais</p>	Notebook / Smartphone / cartões com QR-codes / datashow	Plickers
Onde nasce o Racismo?	<p>Download e instalação do aplicativo</p> <p>Assistir o vídeo Escrever as palavras/impressões do vídeo no aplicativo</p> <p>Discutir os conceitos mencionados por cada um</p>	Notebook / Smartphones / datashow	Mentimeter / YouTube
Arte e Raça	<p>Leitura dos contos</p> <p>Aula sobre Grafite</p> <p>Conhecer o Grafiteiro que estava ministrando a oficina</p> <p>Compartilhar experiências</p>	Notebook / Smartphones / datashow / fotos / filmagem	Youtube / Powerpoint / site/ pdf / Instagram / Padlet
Música: Rock “n” Roll	<p>Assistir o vídeo</p> <p>Compartilhar as impressões</p> <p>Relacionar com os temas da aula</p>	Datashow / Notebook / caixa de som	YouTube

Fonte: a pesquisadora.

No momento da análise do, do material empírico, tive o cuidado com as mensagens de cada participante, respeitando a subjetividade e as situações que o envolve. Então, no capítulo seguinte trago a problematização do conteúdo encontrado na análise do meu material empírico.

CAPÍTULO III

PROBLEMATIZAÇÃO: “quebrando pedras e plantando flores”

*“Remove pedras e planta roseiras e faz doces. Recomeça.
Faz de tua vida mesquinha um poema.”
(Cora Coralina, Aninha e Suas pedras)*

Se pensarmos a respeito dos problemas, somos capazes de encontrar soluções. Assim é o conselho de Cora Coralina, na epígrafe acima, para “remover as pedras”, primeiro é preciso identificá-las. Remova-as e recomece, problematizando, buscando entender as questões e encontrar as respostas para todas as nossas perguntas diárias. Foi o que fiz neste momento, fui em busca de respostas.

A partir do material empírico, analisei a percepção das(os) participantes em relação aos multiletramentos necessários para a leitura nos contextos digitais a partir das vivências durante as aulas da disciplina na qual as atividades foram realizadas.

Considerando que o conceito de multiletramentos destaca “a multiplicidade de linguagem e de culturas” (ROJO, 2012), construí esta análise articulando questões relacionadas às linguagens consideradas e geradas a partir de cada uma das atividades descritas e aos elementos culturais e interculturais (CANCLINI, 2013) que permeiam a constituição de cada uma(um) das(os) participantes enquanto aluna(o), professora(o) em formação, mãe/pai, filha/filho, esposa/esposo, entre outros papéis de onde emergem suas práticas sociais (STREET, 2012; 2014).

Entendo percepção, vivências e experiências como elementos interculturais (CANCLINI, 2013) e, como considerei a percepção das(os) participantes, esclareço que compreendo que o outro pode não perceber as coisas como eu percebo.

Ao considerarmos o contexto de formação de professoras(es), concordo com Mattos (2018), para quem a perspectiva da educação linguística crítica é uma perspectiva situada e inescapável.

Para ela, “nossa visão de mundo é situada nas nossas práticas e experiências de vida e, por isso mesmo, é também corporificada e inescapável” (MATTOS, 2018. p. 33). Ou seja, minha construção enquanto sujeito influencia a minha forma de ver e viver o mundo. Algo só irá fazer sentido para mim se em algum momento aquilo tiver feito parte das minhas vivências (LARROSA, 2019). Remeto-me à educação

linguística, pois considero que as experiências vivenciadas com as(os) participantes possibilitaram uma nova forma de pensar.

É neste momento que o professor(a) em formação e atento à diversidade precisa ter um novo olhar refletindo a necessidade de ressignificação das práticas, para o momento e as experiências de vida dos sujeitos em sociedade, em meio aos processos de pós-modernidade avanço tecnológico. Portanto, para ensinar é preciso aprender e aprender, e, ensinar é uma constante troca e também um constante diálogo com a evolução, principalmente com as tecnologias digitais, que está presente nos modos de vida, da maioria das pessoas e fazem parte do cenário da formação de professoras(es) de língua.

É neste contexto que emergem novas formas de linguagem e os novos ângulos para a formação de professoras(es), com olhares sob práticas de multiletramentos e das tecnologias como formas de linguagem de práticas e de políticas para a contemporaneidade ou um maior aproveitamento no processo educativo e formador.

A escolha pela tecnologia fez parte do planejamento de toda essa pesquisa e de todas as atividades desenvolvidas, considerando as especificidades de cada uma. As várias formas como a tecnologia pode ser vista, entendida e compreendida, possibilita a criação e ressignificação de inúmeras ferramentas, as quais nos permitem novas chances de interação, informação e recurso, de maneira dinâmica, eficiente, colaborativa e inovadora. No Quadro 8, apresento as categorias de análise consideradas:

QUADRO 8. Síntese das categorias de análise

CATEGORIA 1	CATEGORIA 2
Percepção	Experiência
Percepção sobre práticas de multiletramentos na formação inicial de professoras(es)	Experiências com a linguagem nos meios digitais como cultura
Perceber que o importante é considerar as várias formas de linguagem, que emergem do contexto tecnológico digital, como pertinentes à formação, construção de sentidos e aquisição de conhecimentos.	Considerar que a linguagem, a partir dos instrumentos tecnológicos, está possibilitando pensamento e reflexão crítica nos(as) participantes.

Fonte: a autora.

3.1 Percepção sobre práticas de multiletramentos na formação inicial de professoras(es)

Com as análises, percebi que é essencial possibilitar, ainda mais, práticas multimodais e tecnológicas na formação inicial de professoras(es), não que sejam modelos prescritivos ou fixos, mas que perpassam toda trajetória acadêmica como defende Freitas (2019), pois, como já foi dito anteriormente, o importante não é criar disciplinas que ensinem a(o) aluna(o) a perceber as novas linguagens emergentes na contemporaneidade, mas sim, reaprender e repensar novas práticas e habilidades que contemplem todo esse contexto digital emergente da atualidade, considerando as novas formas de linguagem e as exigências de novas habilidades.

Percebo esta importância quando a(o) participante E relata que a forma de ensinar e aprender varia de sujeito para sujeito, como no excerto a seguir:

E: Essa experiência de usar várias modalidades de texto me permitiu entender que cada aluno assimila o aprendizado de forma diferente da outra. Alguns absorvem melhor com imagens, outros com música, outros com textos impressos. Assim é muito importante o professor usar todas as formas de texto para alcançar vários modos de aprendizagem de cada aluno.

Ao voltar o meu olhar para as percepções dos participantes, a respeito das experiências vividas, me deparo com certas “dificuldades”, até mesmo de compreender os questionamentos feitos. Percebo o quão distante está, na graduação, a compreensão das várias formas de linguagem que vem surgindo com as questões da contemporaneidade. Esse ponto diz muito sobre a questão do currículo na universidade, o que demanda uma nova pesquisa, para ser bem compreendido.

No excerto a seguir, a(o) participante JM só percebe a plataforma como ferramenta/recurso, pensando somente no sentido de ensino e aprendizagem.

JM: É importante para ampliar o entendimento sobre o que é ensinar, aplicar um conteúdo através de várias mídias e textos faz com que o aprendizado seja de certo modo mais eficaz.

Entender que uma plataforma digital possibilita várias formas de interpretação e aplicabilidade não foi algo óbvio para as(os) participantes. Elas(eles) veem a ferramenta como um recurso “pronto e acabado”, outros percebem apenas o conteúdo

curricular. Isso indica uma possível lacuna na formação e que, por meio desta pesquisa, venho tentando compreendê-la.

Esta lacuna está na perspectiva que é algo inerente ao indivíduo e tem a ver com sua constituição ao longo da vida, ou seja, as várias culturas que o permeiam e o faz se constituir como sujeito, agente de sua própria história, como nos excertos, a seguir:

SM: As variedades de textos possibilitam obter êxito no desenvolvimento da turma. O uso de recursos visuais, a música, ajudam na busca do diálogo sobre temas polêmicos que devem ser trabalhados em sala de aula.

S: A variedade de metodologia é fundamental para ampliar a visão de mundo do estudante. Além de contribuir para uma formação mais diversificada.

É possível perceber, também, o viés crítico que as tecnologias digitais possibilitam, ao serem consideradas formas de linguagem, que transmitem e aproxima as pessoas com fluidez, aos temas da atualidade. Como afirma a(o) participante S, no excerto acima, quando diz que “*a variedade de metodologia é fundamental para ampliar a visão de mundo do estudante*”. Essa “visão de mundo” está relacionada às formas de pensamento crítico que o acesso às novas formas de linguagens proporcionam.

Dessa forma, a qualidade na interpretação das informações e na discussão dos temas, ficou bem clara nos dois excertos acima, as atividades trataram de temas considerados polêmicos, de uma maneira mais dinâmica e atraente, sem deixar de promover/instigar a criticidade, permitindo a liberdade de expressão e a inclusão de diferentes perfis de alunos.

Para lidar com as tecnologias é importante conhecer antes, para contemplar novas alternativas, o que faz com que aumente a proximidade entre docente e aluno. Para uma(um) professora(o), a vantagem é a possibilidade de captar a atenção e engajar as(os) alunas(os) nas práticas pedagógicas, transformar uma aula estática e expositiva em uma aula mais dinâmica. Assim, por conter características dinâmicas e flexíveis, muitas vezes as plataformas digitais são vistas simplesmente como um recurso pedagógico de interação, como aponta a(o) participante DN:

DN: A tecnologia nas aulas proporciona uma interação mais aproveitável durante as aulas. Percebi pela aula de hoje que a tecnologia poderá me ajudar bastante quando

eu for professora, é uma forma dinâmica de interação entre professor/aluno e tecnologia. A aula dinâmica torna o ambiente mais agradável e suscetível às discussões. O jovem hoje é um ser tecnológico, caberá ao professor saber usar essa ferramenta.

As plataformas digitais possuem características interativas; no entanto, não é somente pelo fato de ser uma invenção tecnológica digital, mas sim, pelas inúmeras possibilidades de linguagem que por meio dela são construídas e compartilhadas. Essa é uma percepção importante no cenário da formação de professoras(es) de línguas, que pensando em uma educação linguística, enxerga no mundo digital, formas de linguagem que nos permitem ultrapassar as paredes de uma sala de aula e compreender melhor as mudanças e (trans)formações que estão acontecendo à nossa volta.

A(o) participante MP percebe nas plataformas digitais várias formas de ensinar e também de aprender, em seu *post* é possível perceber que tanto a comunicação quanto a linguagem, de modo geral, em ambiente virtuais são aspectos culturais peculiares à formação de professoras(es) de línguas:

MP: Vejo que está para além da nossa compreensão e muito mais que aprender com a diversidade de textos é aprender que podemos ensinar também. A partir de experiências como as que tivemos e considerando nossa formação, seja inicial ou continuada, sabemos que é muito importante considerar e “adotar” a prática multiletrada e multimodal no nosso fazer pedagógico. Pois, assim essa terá sido o fio condutor para que tivéssemos um diferencial reflexivo em nossa formação.

Para ela, nos constituímos e nos formamos a partir de nossas experiências, considerando as práticas aprendidas. Neste momento, recorro a Larrosa (2019), sobre experiências no cenário da educação. Segundo ele:

Costuma-se pensar a educação do ponto de vista da relação entre ciência e técnica ou, às vezes, do ponto de vista da relação entre teoria e prática. Se o par ciência/técnica remete a uma perspectiva positiva e retificadora, o par teoria/prática remete, sobretudo a uma perspectiva política e crítica. (LARROSA, 2019, p.15).

De fato, a educação linguística nos leva a refletir nossas experiências como práxis inovadoras, não como teoria e prática caminhando “uma na frente, outra atrás”, ou ainda, “lado a lado”, falar em práxis em nossas experiências entendemos que teoria

e prática estão entrecruzadas, interconectadas, não podendo ser pensadas separadamente.

Após a atividade de compartilhar os contos e representá-los em cartolinas, fiz a seguinte postagem, conforme é mostrado na figura 9:

FIGURA 9: Interação no Padlet após atividade de desenho dos contos.



Fonte: acervo da pesquisadora.

A pergunta que eu deixei no mural para as(os) alunas(os) buscava perceber a compreensão das várias formas de leitura que nós utilizamos naquele dia.

- O que significou, para sua formação, o contato com as diversas formas de ler e representar um conto? (Leitura impressa, tela do celular, discussão oral, desenho)

Precisei instigar a compreensão das várias formas de leitura e informação, das quais tivemos contato. Esse ainda é um problema nos cursos de formação. As(Os) alunas(os) têm dificuldade em perceber as várias formas de leitura que existem, especialmente as proporcionadas pelo desenvolvimento tecnológico, no mundo todo.

Por isso, os cursos de formação docente devem formar educadoras(es) que sejam capazes de compreender o mundo que o cerca por suas várias facetas e ajudá-las(os) a descobrir estratégias inovadoras para o aperfeiçoamento do processo de

ensino, por meio de ferramentas digitais, as quais podem potencializar a aprendizagem e possibilitar novas formas de interação, e integração.

No excerto a seguir, percebe-se a satisfação da(o) aluna(o) ao participar das experiências oportunizadas, haja vista que, ela(ele) também demonstra a importância de considerar tais experiências como práticas sociais necessárias ao engajamento em salas de aula.

CM: Estou muito feliz com o que esta disciplina propôs durante o semestre. Na reflexão de grande importância socialmente, e nas diferentes metodologias utilizadas. O uso do celular com o padlet foi algo novo para mim. Permitindo refletir sobre nossa atuação em sala de aula no futuro e como podemos utilizar dessas metodologias para que possamos engajar todos os alunos na sala de aula. A leitura do conto na tela do celular e a discussão na sala, depois representar o conto no grafite, foi uma experiência única.

Compreender o significado das várias formas de linguagem para uma formação docente tem sido um desafio. Nessa busca está a(o) professora(o) formador, que se torna parceira(o) e orientadora(o), uma ponte entre os valores e objetivos elencados para esta pesquisa. Ela(ele) ainda tem o papel fundamental no desenvolvimento das habilidades e competências necessárias aos envolvidos nessa nova geração; contribuir, a partir das questões tecnológicas, considerar e utilizar as várias formas de linguagem e texto, partilhar e expressar informações, criar e ressignificar novas ferramentas digitais em práticas sociais.

3.2 Experiências com a linguagem nos meios digitais como elementos interculturais

Quando optei pelo *Padlet* como instrumento de pesquisa, considerei esta ferramenta porque me permitia vivenciar a apropriação/interação das(os) minhas(meus) participantes com a plataforma digital. Participar do *Padlet*, aceitá-lo ou não como um espaço de comunicação e interação é uma questão cultural. Para a(o) participante E, foi uma novidade significativa para sua formação, quando ela(ele) nos diz nas “entrelinhas” que é possível considerar esta ferramenta em meios acadêmicos/educacionais, pois o aparato tecnológico é algo inerente a sua cultura.

E: O padlet chamou minha atenção, pois eu não conhecia. achei prático e muito proveitoso para a realidade de uma sala de aula, onde a maioria tem acesso ao celular em tempo real com toda turma.

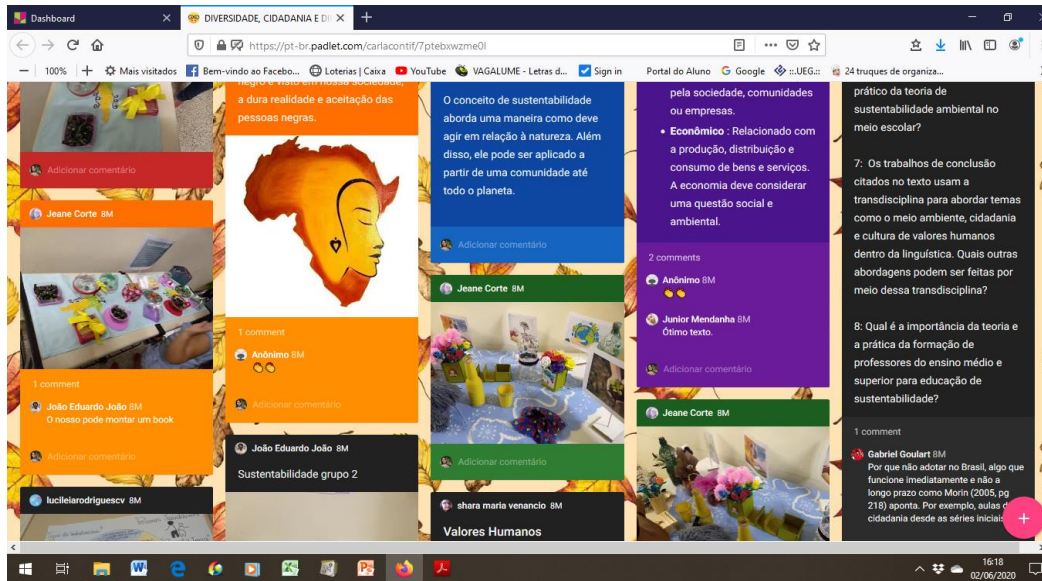
Sendo assim, surgem novos termos, novas exigências e habilidades, que são especialmente influenciadas pelo contexto social atual, o contexto tecnológico, fruto mais uma vez, dessa cultura abstrata que permeia a sociedade.

A cultura é um processo em constante transformação e é considerada como culturas híbridas, que se conceitua como um rompimento das barreiras que separam o tradicional e o moderno, entre culto e o popular. Consiste na miscigenação entre diferentes culturas, uma heterogeneidade cultural presente no cotidiano do mundo moderno (CANCLINI, 2013).

Então, posso dizer que a cultura é um verbo, no sentido de ser variada e heterogênea, por isso, há a necessidade de estar atenta(o) a reificação da cultura, para não tomá-la como única e universal, uma vez que, também não se pode considerar que na atualidade exista uma única forma de comunicação ou de uso da linguagem que não considere o mundo digital.

O *Padlet* foi um espaço de interação muito significativo para esta pesquisa, pois nele eu realizei diversas postagens (questionamentos, comentários, fotos) que motivaram essas experiências interativas. De certo modo, foram atitudes minhas que encorajaram as(os) alunos a participarem dos momentos de interação na plataforma e foi a partir das interações que as(os) alunos se apropriaram da ferramenta e foram capazes de ter um novo olhar, ressignificado e voltado para as várias possibilidades de linguagem por meio de diferentes formas de leitura e de escrita, como ilustra a figura 10, a seguir:

FIGURA 10 – Interações no Padlet



Fonte: acervo da pesquisadora.

No dia da Oficina de Grafite, fiz uma postagem com um questionamento a respeito da experiência que eles estavam tendo “O que significou a experiência de hoje para cada um de vocês?”

DCG: Foi uma experiência única, foi ótimo conhecer o grafiteiro Gustavo, ele mostrou que até no grafite tem cidadania, diversidade.

CR: O saber do outro, as experiências é muito importante, pois quando só olhamos não imaginamos o quanto o trabalho desses artistas é difícil. É muito importante a interação da turma e de outras pessoas, juntos vamos mais longe. Obrigada.

Experiências como estas nos fazem refletir também sobre o nosso papel no exercício da cidadania. A cidadania é também considerar a cultura do outro, por meio de uma formação diferente, elevando a linguagem expressa pela arte. Isso aconteceu nesta atividade, integramos tecnologia, linguagem, arte e cidadania, compartilhando informações em tempo real, rompendo com paradigmas e preconceitos estabelecidos socialmente.

Considerar as várias formas de linguagem, presentes nos meios digitais especialmente, nos permite ampliar o conhecimento e ter acesso a mais informações sobre o que acontece no mundo. Percebo no depoimento de DCG, que diz ter sido ótimo conhecer o grafiteiro, pois ela(ele) demonstrou uma mudança na forma de

pensar, houve naquele momento uma quebra de preconceito, um julgamento pré-concebido acerca do grafite foi desconstruído.

Em outra postagem sobre minha experiência ao longo do semestre, utilizei uma função da plataforma denominada enquete. Produzi duas enquetes, que podem ser vistas na figura 11, a seguir, a fim de mais uma vez, observar a compreensão das(os) alunas(os) em relação à multimodalidade e a presença/aceitação da tecnologia para a formação de professoras(es) de línguas.

FIGURA 11 - Página do *Padlet* com a enquete.

The image shows a screenshot of a Padlet dashboard. The dashboard is titled "DIVERSIDADE, CIDADANIA E D..." and contains two main survey sections:

- ENQUETE 1:** "Em que sentido a experiência de ler/estudar e discutir os temas dessa disciplina, a partir de várias modalidades de texto, foram importantes para a sua formação como professor?" It has 14 comments.
- ENQUETE 2:** "Durante essa disciplina, alguma metodologia lhe chamou mais atenção? Por quê?" It has 12 comments.

Comments from users include:

- Junior Mendanha 7M:** "É importante para ampliar o entendimento sobre o que e ensinar, aplicar um conteúdo através de várias mídias e textos faz com que o aprendizado seja de certo modo mais eficaz."
- Anônimo 7M:** "A variedade de textos me possibilitou melhor entendimento dos temas discutidos de forma que caso não tivéssemos tido essa variedade talvez eu e meus colegas não tivéssemos refletido e discutido tão abertamente. Addressa E."
- maise silva 7M:** "Sim, sair da mesmice de apenas utilizar textos impressos, faz com que"
- Anônimo 7M:** "Sim."
- maise silva 7M:** "A metodologia de usar tecnologia no modo de ensino. Os aplicativos, as músicas de certa forma chamam mais a atenção do aluno, assim faz com que o aluno aprenda ainda mais sobre os conteúdos."
- Junior Mendanha 7M:** "Sim, a formação dos grupos e o desenvolvimento do projeto."
- Anônimo 7M:** "Sim, principalmente o trabalho em grupo (projeto), foi uma ótima experiência. Addressa E."
- shara maria venancio 7M:** "Através dos recursos tecnológicos o ensino torna-se mais dinâmico, a disciplina proporcionou o conhecimento de vários desses recursos."

There are also several comments from users like Dalane 8M, Isabela 7M, Anônimo 7M, and maise silva 7M, along with a video titled "Palestra: Saúde da Mulher por Laura Arantes dos Reis".

Fonte: acervo da pesquisadora

ENQUETE 1: Em que sentido a experiência de ler/estudar e discutir os temas dessa disciplina, a partir de várias modalidades de texto, foram importantes para a sua formação como professor?

ENQUETE 2: Durante a disciplina, alguma metodologia lhe chamou mais atenção? Por quê?

Como as enquetes foram postadas após termos terminado a disciplina, não tive a participação efetiva de todas(os) as(os) participantes. Na Enquete 1 tivemos mais interações do que na Enquete 2. Na Enquete 1, mostrada acima, tentei identificar a compreensão das(os) alunas(os) sobre as várias formas de ler/estudar/discutir que

podem existir; enquanto na Enquete 2, procurei identificar a percepção dos alunos, em relação à presença da tecnologia, como recurso metodológico, pois são elas que oportunizam as novas formas de linguagem.

Embora não tenha aparecido, de forma explícita, palavras e expressões que eram esperadas por mim, na Enquete 1, foi possível perceber, implicitamente, que as(os) participantes MS e J, conseguiram com as mediações feitas, compreender um pouco, as diversas formas de ler um texto, que a tecnologia pode proporcionar, que pode ser algo que dinamize os métodos ou que seja algo que aproxime os sujeitos ao conhecimento mais amplo, crítico e diverso. Conforme está sendo mostrado nas duas falas abaixo.

MS: Sim, sair da mesmice de apenas utilizar textos impressos, faz com que saíamos da rotina e nos dá uma visão mais aberta para a utilização de novas metodologias.

J: Foi importante para minha formação, pois existem várias formas de ensinar o aluno, não só em leitura, pois nem todos vão adquirir conhecimento na leitura, alguns têm mais facilidade em ensino visual e mídias. As experiências que adquiri no decorrer dessa disciplina foi de muita importância, pois existem vários tipos de ensinar.

Algumas delas, até consideraram de grande importância a experiência concedida nas aulas, me permitindo visualizar a máxima muito usada nas discussões a respeito da educação e do ensino, “uma(um) professora(o) repete em sua prática os modos que o fez aprender enquanto aluna(o)”, como mostram os comentários abaixo.

DC: Foi muito importante para o meu aprendizado, com certeza vou usar muito nas minhas aulas.

D: Eu fiquei admirada como um conteúdo pode ser aplicado de várias formas, foi de grande aprendizado, tanto para minha formação profissional, quanto pessoal.

Já na Enquete 2, pelas falas das participantes, foi possível identificar que, elas perceberam a tecnologia (ferramentas utilizadas) somente como um recurso pedagógico; as percepções ficaram focadas no uso dos aparatos eletrônicos, o que não é, de fato, o foco desta minha pesquisa, a partir dos comentários a seguir, retirados das interações na Enquete 2.

CM: Sim, o uso de tecnologia na sala de aula me chama muito à atenção. Os jovens estão cada vez mais, sendo influenciados com esses recursos e é claro, que podemos

aproveitar e utilizar esses recursos para sua aprendizagem e interação em grupo. A oficina proposta foi uma excelente oportunidade para encerrar o semestre e refletir sobre as diferentes metodologias utilizadas na disciplina.

MS: A metodologia de usar tecnologia no modo de ensino. Os aplicativos, as músicas de certa forma chamam mais a atenção do aluno, assim faz com que o aluno aprenda ainda mais sobre os conteúdos.

As compreensões esperadas vão de encontro a formação do pensamento, dos sujeitos envolvidos. Volto a considerar o pensamento complexo (MORIN, 2015), aquele que não é linear e o indivíduo desenvolve reflexões em forma de rede, conectando todas as questões que o envolve. Esse é o tipo de pensamento necessário para se desenvolver a compreensão acerca das multimodalidades emergentes do contexto tecnológico na atualidade. São os novos letramentos, emergentes da contemporaneidade, que integram, interagem e ressignificam as práticas. Isso implica sair da zona de conforto, se dedicar a novas práticas e, ao mesmo tempo, à novos estudos e reflexões.

“AJUNTEI TODAS AS PEDRAS”, MAS MEU CAMINHO NÃO TERMINA AQUI

O fundamental é estar aberto às surpresas, ao imprevisível e ao imponderável que emergem do trabalho de campo, mesmo que isso nos obrigue a rever nossos conceitos e a refazer o caminho trilhado. (Rosália Duarte - PUC-Rio)

No universo da formação de professoras(es), sob a ótica de novos modos de ler, escrever e comunicar, revisei autores como Cora Coralina e Albert Einstein para contribuir com meus títulos e subtítulos, a fim de dizer que as práticas sociais dialogam com a ressignificação das várias práticas de linguagem existentes.

Com a linguagem poética, pode-se ler que durante uma jornada se escolhe o caminho e vai conhecendo-o, cada vez mais, durante a caminhada, entendendo todos os meios e obstáculos a serem ultrapassados, mas também conhecendo novas paisagens, outras vozes e cenários que compõem esse caminho. Assim, conheci também, instrumentos que me oportunizaram as discussões nos processos de pós-modernidade e avanço tecnológico.

As várias vozes utilizadas para construir o referencial teórico desse trabalho, contribuíram com estudos linguísticos, tecnológicos e mostraram a importância do conhecimento e das informações ao dizer que a língua é espaço de construção, considerando as várias formas de linguagens, que por meio delas, podemos interpretar as realidades e elaborar novas verdades, conhecer e contemplar a variedade de textos e contextos a serem lidos, por fim, mas não menos importante, reconhecer a multiplicidade de linguagem e a multiplicidade cultural emergente na contemporaneidade.

A língua é multi, quanto à sua constituição, estudos já experienciados admitem consensos para a consolidação da efetivação da língua e suas linguagens. Ao perceber os antagonismos preexistentes e as dicotomias que integram as perspectivas, ao visitar os fundamentos epistemológicos de teóricos e suas teorias linguísticas, percebo lacunas, que são as questões que favorecem a língua como elemento indispensável. Nesta pesquisa, a língua é considerada como prática social e contemplada em nível de comunicação, por suas múltiplas linguagens e letramentos, orais, imagéticos, tipográficos e/ou midiáticos.

Relacionar as experiências de vida dos sujeitos em sociedade é considerar os elementos interculturais que permeiam o universo social da linguagem e a relação entre tecnologia e formação de professoras(es).

Por isso, a língua é multidemocrática, não ignora a ética, a sociedade a história e a cultura, pois ela é o reflexo da linguagem e cultura. Língua é inter e/ou multicultural, origina-se na essência familiar e se constitui a partir da vivência e da evolução do ser, cresce com o indivíduo e se constrói a partir de sua formação, ou mesmo do seu desenvolvimento com as experiências vividas ao longo de sua vida, através das trocas linguísticas, a partir das linguagens.

O ser se transforma e/ou se aprimora em qualquer área em que se dispuser e é neste momento que emergem as oportunidades de compartilhamento de novos saberes para o contexto atual, por meio de práticas sociais e linguísticas que dialoguem com a formação num contexto tecnológico.

Ao retomar o objetivo geral desta pesquisa, investigar e analisar as percepções das(os) professoras(es) de línguas em formação sobre as práticas de multiletramentos, a partir das experiências oportunizadas durante o curso de Letras, refaço o percurso da pesquisa.

Durante a pesquisa esperei que as(os) participantes, professoras(es) em formação, percebessem as plataformas digitais como infinitas oportunidades, não como um instrumento pronto e acabado e com isso, repensassem a ação da(o) professora(o) sobre uma plataforma, para que ela fosse o mais significativo possível para a realidade e assim perceber o seu lugar de agente, que criam e oportunizam experiências e vivências com atitudes transdisciplinares.

Além disso, esperei que elas(eles) percebessem as possibilidades da tecnologia digital como novas formas de linguagem, que oportunizam amplitude na interação, no compartilhamento de informações e no angariamento de conhecimentos, concomitantemente, na recepção de tudo isso, pois nesse contexto tudo é troca de experiência e é nessas trocas que aprendemos um com o outro. E, indo mais além, fossem capazes de perceber com tudo isso, as questões da linguagem como elemento intercultural, visto que ela se (re)constrói e se (trans)forma a cada momento com o contexto da contemporaneidade.

Na linguística aplicada, consideramos que as práticas com uso da tecnologia nas redes sociais, as trocas de informações, comentários e compartilhamentos que

podem ser feitos virtualmente, são transformados em atividades e práticas pedagógicas sintonizadas com o mundo contemporâneo.

No *ciberespaço* um mesmo objeto de interesse pode ser debatido a partir de múltiplas vozes, onde o conhecimento acontece de forma colaborativa, ampliando horizontes. Assim uma(um) professora(o) é capaz de descobrir novas formas de aprender e ensinar. Quanto maior for o acesso à informação maior será a aprendizagem e também a oportunidade de que novos projetos desenvolvam o pensamento complexo, crítico e analítico, a fim de aprimorar cada vez mais essa aprendizagem.

É importante possibilitar um ambiente interativo, para que o professor possa se adaptar às diversas finalidades, uma vez que, as ferramentas digitais oportunizam essa interação, são opções de comunicação que se dão em tempo real e fazem parte da vida contemporânea.

As novas formas de pensar dos indivíduos, em relação aos multiletramentos nas interações tecnológicas, que foram oportunizadas durante a pesquisa, me permitem considerar a estreita relação que existe entre as várias práticas desenvolvidas em sala e transformar rapidamente os aspectos que caracterizam a inclusão de ferramentas tecnológicas em prol da apropriação de novas linguagens e novas aprendizagens.

O domínio das novas tecnologias pode garantir às(os) professoras(es), aceitação ou não em suas práticas docentes, por isso é importante que estas façam parte do currículo dos cursos de formação de professoras(es), garantindo o desenvolvimento de novas competências para que a(o) aluna(o) (futura(o) professora(o)) possa ser agente, produtor de conhecimento e crítico, frente às novas demandas.

A reflexão e a tomada de decisões para a incorporação da tecnologia ao espaço pedagógico e ao mesmo tempo sua contemplação nos cursos de formação, de certa forma mudará, politicamente, o descompromisso com o processo de ensino e aprendizagem, deixando bem claro que as questões linguísticas tecnológicas, contribuem para a formação de competências e habilidades pedagógicas e para uma atuação docente ressignificada. (MONTE MÓR, 2019)

A adoção de novos procedimentos no paradigma emergente demanda entender as percepções possíveis para compreender teoricamente a necessidade do uso da linguagem tecnológica e o modo como a(o) professora(o) deve considerá-las,

mesmo que estas não tenham feito parte do processo de formação. Por isso, é fundamental aprender e/ou experienciar, atividades/momentos sob a perspectiva dos multiletramentos na formação, para que suas práticas possam fazer sentidos à diversidade de linguagens contempladas pelo perfil tecnológico.

A formação de professoras(es) é então, uma preocupação constante para aqueles que acreditam na transformação da sociedade por meio da educação.

A(O) professora(o) é a peça chave desse processo, porém, como eu venho dizendo até aqui, é importante repensar essa formação, levar em conta uma formação consistente e significativa, que busca harmonia entre teoria e prática, entendendo essa dualidade por um novo conceito, entendida como praxiologias (PESSOA, 2018), um processo no qual não há a separação entre teoria e prática, elas são pensadas juntas, uma complementando a outra num processo de agencia, troca e colaboração.

O espaço/tempo em que estou finalizando a escrita desta dissertação nunca estive tão próximo das discussões aqui desenvolvidas quanto agora. Esse momento atual, contexto de pandemia, tem mostrado como a tecnologia digital faz parte e caracteriza o modo de vida de muitas pessoas. Tudo que fazemos hoje está dependendo da tecnologia digital e tem sido um grande desafio na vida daqueles que ainda não a consideravam tal como deveriam.

A tecnologia digital reestruturou e ressignificou a vida de muita gente, especialmente dos professores, que se viram diante de uma grande batalha, a qual não tinham como fugir ou contorná-la. O jeito foi enfrentar.

Hoje, após meses da realização das atividades propostas para esta pesquisa e da coleta do material empírico, fico a imaginar como seria, refazer os questionamentos, mencionados aqui em momentos anteriores, às(os) minhas(meus) participantes, pois assim como eu, vivenciaram experiências atípicas no curso de formação e no dia a dia da vida, provavelmente teriam respostas diferentes das que tiveram.

Entendo que agora será necessário ampliar o pensamento ainda mais, procurar considerar um cenário híbrido, pois a tecnologia que tanto se destacou com a pandemia, não irá passar, ela veio para ficar. Então, como vamos lidar com as questões da formação de professoras(es) de línguas, por exemplo?

Monte Mór (2019) traz reflexões sobre as experiências na formação de professoras(es) e ela diz que é importante a construção de um projeto de formação docente emancipador, crítico-criativo, dialógico e tecnológico, que possa fortalecer o

direito do trabalho e da formação docente com dignas condições para exercê-la, perpassando por toda complexidade no exercício da formação e da profissão.

Tanto as(os) professoras(es) formadoras(es), quanto as(os) professoras(es) em formação, não são obrigatoriamente ‘forçados’ a aprender a utilizar a tecnologia, em suas funcionalidades reais de uso, mas sim, contemplá-las em suas práticas, perceber que a linguagem dos/nos meios tecnológicos não podem ser desconsideradas. A partir do momento que as(os) professoras(es) tomarem esta consciência e se habituarem a estas novas questões, elas(eles) serão capazes de ressignificar a funcionalidade de toda tecnologia disponível e assim, (trans)formarem e ressignificarem suas práticas. Nessa perspectiva, pensar práticas sociais educativas e de linguagem frente às questões tecnológicas emergentes, problematizar e buscar, cada vez mais, possibilidades, especialmente para os espaços de formação de professoras(es), se torna uma necessidade.

“Ajuntei todas as pedras que vieram sobre mim. Levantei uma escada muito alta e no alto subi. Teci um tapete floreado e no sonho me perdi.”

É muito bom que a(o) professora(o) esteja sempre buscando algo novo, metaforicamente isso me representa, como nos versos de Cora Coralina, mencionados neste texto, o qual retrata o caminho das pedras, que poeticamente ela trilhou para realizar seus sonhos. Entretanto, em busca dos meus sonhos, trilhei meu caminho por pedras e nuvens.

discente
 formação
 caminho
 conhecimentos
 novos letramentos
 sensibilidade
 história
 modernidade
 linguagem
 sonhos

As nuvens da modernidade pensando em uma formação significativa, de uma pesquisadora consciente da necessidade em reconhecer que, o discente traz em sua bagagem, uma história de conhecimentos e sonhos.

É nesse momento que a(o) professora(o) de línguas desenvolve a sensibilidade para lidar e possibilitar uma educação linguística, contemporânea e inovadora, que contemple o universo em que estão inseridos, ponderando os novos letramentos, mídias e linguagens, em textos e práticas sociais digitais e, considerando o que tem a oferecer para o melhor desempenho desta(e) professora(o) em sua atuação.

“Uma estrada, um leito, uma casa, um companheiro. Tudo de pedra.”

É chegado o momento da construção, em meio às minhas nuvens, me deparo com materiais, conhecimentos, experiências, teorias, sociedade, enfim contemporaneidade.



E é possível ponderar que, diante das experiências oportunizadas durante a formação, toda experiência é válida, pois vivemos em constante processo de transformação, especialmente durante o processo formativo, portanto é essencial contemplar o cenário tecnológico como novas formas de estudos, práticas e políticas, que primam por uma formação de professoras(es) de línguas sob o olhar da educação linguística.

“Entre pedras cresceu a minha poesia. Minha vida... Quebrando pedras e plantando flores.”

Nesta nuvem apresento a pesquisa como um processo constante de transformação (re)construção, no qual a(o) professora(o) em sua essência, dá seguimento ao que outras(os) professoras(es) experienciaram, contemplando inovações tecnológicas e dando relevância ao conceito de educação em linguística, promovendo o cenário da formação de professoras(es) por meio de ressignificações em relação às questões linguísticas atuais.



A teoria dos novos letramentos e a busca por novas habilidades envolve novos olhares para que a(o) professora(o) consiga compreender seu lugar de agente transformador das aprendizagens, em condição de assumir os riscos e as dificuldades da educação na atualidade. Ao mesmo tempo, a(o) professora(o) se compromete com uma formação voltada para a mudança social, caracterizada por novas exigências devido ao contexto tecnológico.

“Entre pedras que me esmagavam, levantei a pedra rude dos meus versos.”

Cora Coralina fala em levantar, plantar e colher, ou seja, dos propósitos e objetivos para viver em sociedade e competir, tecnicamente, para a vida profissional.



Agora, em minha nuvem a experiência articula novos aprendizados, oriundos de conhecimentos prévios, porém sobrepostos por novos conhecimentos, habilidades e competências, que me possibilitaram, a partir das experiências e vivências, uma nova forma de pensar e fazer isso como profissional, professora/pesquisadora, que considera e contempla as várias formas de linguagem que emergem na contemporaneidade.

Ao refletir sobre as ações desenvolvidas ao longo de minha pesquisa, pude perceber que há sim uma lacuna nos cursos de formação de professoras(es), como muitos outros teóricos da área mencionam. Isso me preocupa, pois algumas(uns) das(os) alunas(os) do curso já atuam como professoras(es) e outros serão professoras(es) ainda. Elas(eles) estão vivendo uma era tecnológica, onde tudo depende de novas linguagens que se constituem das mais diversas maneiras, e culturalmente falando, não são preparadas(os)/formadas(os) tal como deveriam, visto que não contemplam o uso da tecnologia com relevância em suas ações, que se tornam reducionista ou com pouca tecnologia.

Percebi também que as práticas linguísticas tecnológicas, não estão sendo consideradas como deveriam, pelas(os) próprias(os) alunas(os), elas(eles) ainda ficam muito ligadas(os) ao uso da tecnologia como recurso pedagógico.

Desta forma, não acredito que estão, de fato, preparadas(os) para os desafios no ritmo da evolução tecnológica do século XXI. Os cursos de formação precisam ser repensados, no sentido de se preocuparem com as transformações do paradigma emergente e do contexto atual, alunas(os) e professoras(es) precisam se habituarem às novas formas de linguagem, leitura e escrita multimodal, especialmente caracterizada pela presença das tecnologias.

Então, entender que os processos de leitura e escrita, transmissão de informações e compartilhamento de conhecimentos, tomaram novas formas devido às questões tecnológicas, propicia um melhor entendimento acerca do contexto em que

estamos inseridos, isso faz com que significativas contribuições sejam feitas no âmbito da formação de professoras(es), a fim de realmente fazer a diferença.

Assim, com base nas discussões aqui promovidas, em relação à formação de professoras(es) de línguas na atualidade, sob a perspectiva dos multiletramentos e pensando nos caminhos a levá-las(os) a promoverem em suas práticas, uma educação linguística crítica, proponho que tais discussões devem ser mais bem oportunizadas nos cursos de formação, com mais fluidez e mais frequência.

Mais uma vez, volto a dizer que, não se trata da criação de uma disciplina sobre multiletramentos, mas sim da apropriação das novas formas de linguagem, das novas formas de promover e compartilhar pensamentos e conhecimentos, diante disso, acredito que espaços e momentos de trocas de experiências precisam existir dentro da universidade, e é claro, as(os) alunas(os) precisam ser incentivadas(os) a contemplarem o cenário que as(os) cerca em suas práticas e tudo aquilo que lhe é oferecido, com um olhar ampliado, crítico, reflexivo e disposto a (trans)formar, sempre e tudo que for necessário.

Assim, ao retomar os aspectos mencionados na introdução desta dissertação e refletir um pouco mais sobre o título escolhido para ela, posso dizer que pensei na perspectiva dos multiletramentos como um caminho para a educação linguística crítica, pois assim as(os) professoras(es) de línguas podem vislumbrar e possibilitar novas práticas, a partir da problematização de temas atuais, relevantes para a sociedade, especialmente para a comunidade na qual está inserido. Com isso, ao se apropriarem das várias ferramentas digitais disponíveis e das novas formas de leitura, serão capazes de compreender mais a realidade que determinada comunidade vivencia.

Então, a perspectiva dos multiletramentos é, de fato, um caminho para as(os) professoras(es) conseguirem ressignificar suas práticas, ampliar seus espaços de ensino e aprendizagem, perceber e compreender a amplitude de uma sala de aula, ou seja, é um caminho para que professoras(es) consigam atuar na perspectiva da educação linguística crítica.

Trago como propostas de estudos futuros, o estudo sobre letramentos e multiletramentos em outras ações da universidade, além das de ensino, como por exemplo, as ações de extensão, no qual podemos instigar futuras(os) professoras(es) a buscarem novos caminhos que contemplem as questões da contemporaneidade, possibilitar leituras em diferentes modalidades, a fim de desenvolver o pensamento

complexo e a interconectividade de informações e conhecimento, além de oportunizar experiências multimodais, por meio de aplicativos e plataformas digitais, almejando a ressignificação de práticas e pensamentos.

As Universidades são espaços de práticas diversas, pois contam com um público diverso, é o lugar onde os elementos culturais mais se interconectam, é um espaço de aprendizagem, expressão, trocas, colaboração, compartilhamentos e crescimento, tudo isso, por meio das várias formas de manifestação da linguagem que estes espaços possibilitam.

REFERÊNCIAS

- ANDREOTTI, Vanessa.; PEREIRA, R. S.; SANTIAGO, EDMUNDO, E. S. G. M. O Imaginário Global Dominante e Algumas Reflexões Sobre Os Pré-Requisitos Para Uma Educação Pós-abissal. **Revista Sinergias**, n. 5, 2017, p. 41-54.
- BARTON, David. ; LEE, Carmen. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. 1 ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.
- BRAULIO, Marisa. **Léxico e Cultura: um estudo de nomes de pratos oferecidos em restaurantes de Gramado (RS)**. 2006. Dissertação (Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade) – Universidade de Caxias do Sul, Rio Grande do Sul, 2006. <https://repositorio.ucs.br/handle/11338/181>. Acesso em: 15-12-2019.
- CANCLINI, Néstor Garcia. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloisa PezzaCintrão, Ana Regina Lessa; trad. Introdução Gênese Andrade. 4 ed. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo, 2013.
- DENZIN, Norman K. Investigação Qualitativa Crítica. Trad. Diogo Vera de Carvalho. In: **Sociedade, Contabilidade e Gestão**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 1, jan/abr, 2018, p. 105-119. DOI: http://dx.doi.org/10.21446/scg_ufrj.v13i1.14178.
- DUBOC, Ana Paula. Lendo a mim mesma enquanto aprendo com e ensino o outro. In: PESSOA, R.R.; SILVESTRE, V. P. V.; MONTE MÓR, W. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitários de inglês**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 13-26.
- EVERETT, Daniel L. **Linguagem: a história da maior invenção da humanidade**. tradução de Maurício Resende. São Paulo: Contexto, 2019.
- FERREIRA, Aparecida de Jesus. Educação linguística crítica e identidades sociais de raça. In: PESSOA, R.R.; SILVESTRE, V. P. V.; MONTE MÓR, W. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitários de inglês**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p.39-46
- FLICK, Uwe. **Introdução à pesquisa qualitativa**. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. 5. ed. Campinas: Editora Autores Associados, 2018.
- FREIRE, Maximina. M. Formação tecnológica de professores: problematizando, refletindo, buscando. In: SOTO, U. ; MAYRINK, M. F. ; GREGOLIN, I. V. (Org.) **Linguagem, educação e virtualidade**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. p. 13-28.
- FREITAS, Carla Conti. Multiletramentos na formação inicial de professores de línguas: das limitações às novas práticas curriculares. **Revista Coralina**, Cidade de Goiás, vol. 1, n.1 fev, 2019. p. 67-80.<https://bit.ly/2EhR0AC>

JORDÃO, Clarissa. M. **As lentes do discurso**: letramento e criticidade no mundo digital. Trab. Ling. Aplic. Campinas. 46(1): 19-29. Jan./Jun. 2007.

KLEIMAN, Angela. B.; SITO, L. Multiletramentos, interdições e marginalidades. In: KLEIMAN, A. B.; ASSIS, J. (Org.). **Significados e ressignificações do letramento: desdobramentos de uma perspectiva sociocultural sobre a escrita**. Campinas: Mercado de Letras, 2016. p. 169-198.

LARROSA, Jorge. **Tremores**: escritos sobre experiência. Tradução: Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1ed, 4 reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

LOPES, Alice C.; BORGES, Veronica. Formação docente, um projeto impossível. **Caderno de Pesquisa [online]**, vol. 45, n. 157, 2015, p. 486-507.

LÜDKE, Menga; ANDRÉ, Marli E. D. A. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. 2. ed. Rio de Janeiro: EPU, 2014.

MAGALHÃES, Cristiane R.; FREITAS, Carla Conti de. O gênero prova objetiva no suporte digital: uma análise da percepção dos alunos do curso de letras. **Caderno Seminal Digital**, nº 33, v. 33 (JUL-DEZ/2019) – e-ISSN 1806-9142. p. 258-278. DOI: <http://dx.doi.org/10.12957/cadsem.2019.45011>

MAGALHÃES, Cristiane R.; FREITAS, Carla Conti de. PLICKERS NA FORMAÇÃO DOCENTE: ressignificando as possibilidades das plataformas digitais. In: **Tecnologias, educação e gestão: interfaces e desafios**. ALMEIDA, Francisco Alberto Severo de; TEIXEIRA, Zenaide Dias; ADÃO, Jorge Manoel; KOCHHANN Andréa. (orgs.). Curitiba : CRV, 2019. p. 47-60.

MATTOS, Andréa Machado de Almeida. O rinoceronte e o mundo: uma perspectiva sobre a educação linguística crítica. In: PESSOA, R.R.; SILVESTRE, V. P. V.; MONTE MÓR, W. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil**: trajetórias e práticas de professoras/es universitários de inglês. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 27- 40.

MENEZES DE SOUZA, Lynn Mario Trindade. O Professor de Inglês e os Letramentos do Século XXI: métodos ou ética?. In: Jordão, C.M.; Martinez, J.:Halu, R.. (Org.). **Formatação "desformatada"**: práticas com professores de língua inglesa. 1. ed. v. 15, Campinas: Pontes, 2011. p. 279-303.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 14. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2014.

MONTE MOR, Walkyria . Multimodalidades e comunicação: antigas novas questões no ensino de línguas estrangeiras. In: **Revista Let. & Let.** Uberlândia – MG, v. 26 n. 2. Jul-dez, 2010. p. 469-476.

MONTE MOR, Walkyria. Formação docente e educação linguística: uma perspectiva linguístico-cultural-educacional. In: MAGNO e SILVA, Walkyria (org.) **Desafios da formação de professores na Linguística Aplicada**. Campinas-SP: Pontes Editores. 2019. p.187-206.

MONTE MOR, Walkyria. Linguagem digital e interpretação: perspectivas epistemológicas. **Trab. linguist. apl.**, Campinas, v. 46, n. 1, p. 31-44, June 2007. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-18132007000100004&lng=en&nrm=iso>. access on 15 Out. 2020.

MORAES, Maria C. O. **Paradigma Educacional Emergente**. Campinas: Papyrus, 1998.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução: Eliane Lisboa. 5ª ed. Porto Alegre: Sulina, 2015.

PARRA, Henrique Z. M. Sujeito, território e propriedade: tecnologias digitais e reconfigurações sociais. *In: Contemporânea*. ISSN: 2236-532X v. 4, n. 1, Jan.–Jun., 2014. p. 183-209

PESSOA, Rosane Rocha. Movimentos críticos de uma prática docente. In: Rosane Rocha Pessoa; Viviane Pires Viana Silvestre; Walkyria Monte Mór. (Org.). **Perspectivas Crítica de Educação Linguística no Brasil: Trajetórias e práticas de professoras(es) universitárias (os) de Inglês**. 1ed.São Paulo: Pá de Palavra, 2018, v. 1, p. 185-198.

PINTO, Álvaro Vieira. **Ciência e Existência: problemas filosóficos da pesquisa científica**. 2 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

ROJO, Roxane. H. R.; MOURA, Eduardo. **Letramentos, mídias, linguagens**. São Paulo: Parábola Editorial, 2019.

ROJO, Roxane. H. R.; MOURA, Eduardo. (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.

SOUZA, Marlene de Almeida Augusto de. Formação de professores de inglês: buscando caminhos para uma educação linguística crítica. In: PESSOA, R.R.; SILVESTRE, V. P. V.; MONTE MÓR, W. **Perspectivas críticas de educação linguística no Brasil: trajetórias e práticas de professoras/es universitários de inglês**. São Paulo: Pá de Palavra, 2018. p. 163-173.

STREET, Brian. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. São Paulo: Parábola editorial, 2014.

STREET, Brian. Eventos de letramento e práticas de letramento: teoria e prática nos novos estudos de letramento. In: MAGALHÃES, Izabel (Org.) **Discursos e práticas de letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 2012, p.69-92.

TAVARES, Dayanne. S.; FREITAS, Carla.C. Multiletramentos na formação de professores de línguas. **REVELLI**.v.10 n.3. Setembro /2018. p. 151-173.

<http://www.revista.ueg.br/index.php/revelli/issue/view/437>

VIEIRA, José Guilherme Silva. **Metodologia da pesquisa científica na prática**. Curitiba. Editora FAEL, 2010.

ZACHI, Vanderlei José. Jogos eletrônicos e novos letramentos no ensino de língua inglesa. In: TAKAKI, Nara Hiroko. MACIEL, ruberval Franco. **Letramentos em terra de Paulo Freire**. Campinas-SP: Pontes Editores. 3 ed. 2017. p. 63-74.